

CONVERGÊNCIA

JAN / FEV - 1968 - ANO 1 - N.º 1

IGREJA, BRASIL E ESTRUTURAS





EDITORIAL

CONVERGÊNCIA

A PRIMEIRA vista, o termo poderá parecer insólito, por demais abstrato ou antes adequado aos estudiosos de geometria física, de ótica ou de filosofia científica. Na realidade, é uma palavra rica de significação e carregada de simbolismo. CONVERGÊNCIA é referência a um ponto central, união de esforços em vista de um objetivo comum, unidade na pluralidade, sintonização, harmonia, ecumenismo...

DISSO poderemos nos convencer examinando os diversos planos em que existe a CONVERGÊNCIA: físico, social, eclesial, escatológico. No plano físico humano, CONVERGÊNCIA é sinônimo de organismo vital, de partes distintas formando um todo, de membros com funções diversas, de órgãos e faculdades heterogêneos realizando a unidade do conjunto e estruturando o portentoso complexo material e espiritual, que é o ser humano.

NO plano social, CONVERGÊNCIA gera um corpo físico e espiritual, de outra natureza: a comunidade humana. Esta se apresenta em formas variadas e ascendentes: a família, a cidade, a nação, a sociedade internacional. Comunidade que não é um simples aglomerado, não é horda, nem multidão informe ou desordenada. É a união de muitos em vista de um objetivo comum, que encarna o bem de todos. Supõe a diversidade de membros e a variedade das funções, mas exige a harmonia dos pensamentos e dos sentimentos, a sintonia dos esforços conjugados. Requer a

solidariedade no auxílio mútuo e o solidarismo nas metas a atingir. A meta primordial é a construção da cidade humana e, na esfera internacional, o conagraamento dos povos.

NO plano da salvação, CONVERGÊNCIA se manifesta de outra forma. É a marcha multimilenar dos povos e das culturas que precederam Cristo e a longa peregrinação das civilizações que se sucederão até a consumação dos séculos.

CRISTO É O CENTRO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE, O ÚNICO FOCO DE CONVERGÊNCIA DE TODOS OS POVOS, LÍNGUAS E NAÇÕES.

NINGUÉM melhor do que Teilhard de Chardin exprimiu, nos tempos modernos, esta grande verdade, a qual ele estende ao plano cósmico. Cristo é o Centro de convergência do universo e o Princípio evolutivo de sua ascensão para Deus. "Tudo o que sobe, converge", enuncia ele. Numa primeira etapa, o próprio homem é o eixo de convergência dos seres materiais, que emergem, em assombrosa diversificação, a partir dos pontos críticos da complexificação evolutiva. A consciência reflexiva é o ponto de chegada da mais perfeita manifestação da vida sobre a terra. Mas a humanidade, em avanços e retrocessos, ascenderá por estados cada vez mais perfeitos de união e de socialização para o *ultra-humano*. Nesse prolongamento se situa, como termo da evolução, o Ponto Ômega, que é a chave explicativa do universo.

SÃO PAULO, em quem Teilhard se inspira, formulou outrora, de maneira incisiva, esta doutrina, numa visão que atinge o mesmo tempo o plano eclesiológico e o plano cosmológico. Também para ele, Cristo é não somente o Centro da História mas o ponto de CONVERGÊNCIA do universo: "Ele é o Primogênito de todas as criaturas... a Cabeça do Corpo, que é a Igreja... o Pleroma estabelecido por Deus para a reconciliação de todos os seres" (Col. 1,17-20). Magnificamente, o Apóstolo dos Gêntios descreve a união e a convergência do corpo eclesial: "Somos muitos, mas formamos um só corpo, nós todos que participamos do mesmo Pão". Nesse corpo unido pela mesma fé, pelo mesmo batismo e pela mesma caridade, há diversidade de funções, distinção de tarefas, multiplicidade de atribuições. Tudo porém concorre para a edificação do mesmo organismo espiritual, do qual o Espírito de Deus é o princípio aglutinador. A Igreja de Cristo professa o mais franco pluralismo, a unidade na diversidade, a coesão na catolicidade. Nela a unidade não é uniformidade. Há pluralismo nos ritos litúrgicos, nas escolas espirituais e teológicas, nas expressões artísticas ou culturais, nas famílias religiosas. Há diversidade e multiplicidade, sem particularismos, sem divisões, sem exclusivismos de *capelas*. Há também abertura para o ecumenismo, caridade e compreensão para as outras comunidades que se originam no Evangelho. Como "pedaços da mesma rocha aurífera", elas conservam também autênticos valores cristãos. Abertura para as demais religiões de outros povos, antigos ou contemporâneos, que não foram abandonados por Deus e cujas crenças e práticas religiosas ou morais contêm também, como o ensinavam os padres da Igreja primitiva, "sementes do Logos e centelhas do Espírito".

SOB o signo de CONVERGÊNCIA, nossa revista deseja ser o ponto de encontro, o elo de ligação não só entre as diversas famílias religiosas, que dão na Igreja o testemunho da vida em comum, mas também entre todos os cristãos, leigos ou sacerdotes, que participam da mesma vida sobrenatural. Promoverá o diálogo e a aproximação com as outras denominações cristãs e com as outras religiões, por meio de um ecumenismo fundado na verdade e na caridade. Procurará remover as barreiras e as muralhas do ódio e da incompreensão. Envidará esforços para congregar todos aqueles que lutam para estabelecer entre os homens a compreensão e o auxílio mútuos. Promoverá a integração de todos na totalidade da Igreja, visando atingir a *comunhão* universal desejada pelo próprio Cristo.



PARA REFLEXÃO

PARA entendermos melhor os acontecimentos da recente questão entre Igreja e Estado, é necessária uma síntese que abranja o segundo semestre de 1967 — período em que a crise se tornou mais aguda.

Quase simultaneamente, em São Paulo e no Nordeste, dois pólos com características bem diversas, surgem da parte do clero e do laicato manifestações em flagrante conflito com as diretrizes oficiais do Governo.

No mês de agosto, em São Paulo, deflagra a greve estudantil contando com a participação de seminaristas, padres e religiosos. A reação do Governo, diferente da normal, consiste em ameaças e prisões. Refletindo esta atitude, o jornal *O Estado de São Paulo* clama então pela "volta" de Pombal.

Bispos do Terceiro Mundo e trezentos padres de todo o Brasil protestam contra a situação. Manifestos partindo do laicato (ACO, JUC de São Paulo, JOC, JAC) particularizam os pontos mais chocantes. Sem dúvida, não são mais vozes isoladas: é já um quadro de toda a Igreja que começa a se mover. Nessa altura, o exemplo da reação é o ex-Ministro Raimundo de Brito: alerta ele o Governo sobre a "subversão" que campeia no Nordeste, "conduzida pelo clero", e pede que se tomem as medidas necessárias contra as interpretações errôneas das encíclicas sociais.

Todavia, semelhantes denún-

cias não calam Dom Fragoso nem Dom Hélder, desde muito porta-vozes da nova tendência da Igreja. A Igreja é uma voz que grita contra o esmagamento do homem pelas pressões da exploração, do subdesenvolvimento ou do desenvolvimento puramente industrial. Embora toda a atenção recaia sempre sobre esses porta-vozes, o clima de mal-estar continua. É então que surge o caso de Volta Redonda: um episódio, de si localizado, mas que assume pouco depois uma amplitude nacional. De todos os lados desencadeiam-se reações solidárias, mostrando que o conflito latente é cada vez mais agudo. Ao que tudo indica, o que há da parte dos militares nesse momento é a intenção de fazer do caso um exemplo para amplos setores: tratam pela força os protestos surgidos, talvez também para testar qual a reação da Igreja como corpo a esta forma de repressão.

Ora, a reação da Igreja, através do seu Episcopado, é a reação do corpo todo que estremece, manifestando consciência explícita do problema. Dêste modo, além das manifestações sucessivas por parte de bispos, a Comissão Central da CNBB manda emissários para prestar solidariedade aos prelados atingidos. Lança, também, e da maneira mais solene, um documento que não se limita a solidarizar-se com os bispos, padres e leigos atacados, mas dá um importante passo para a frente: diagnostica a situação e

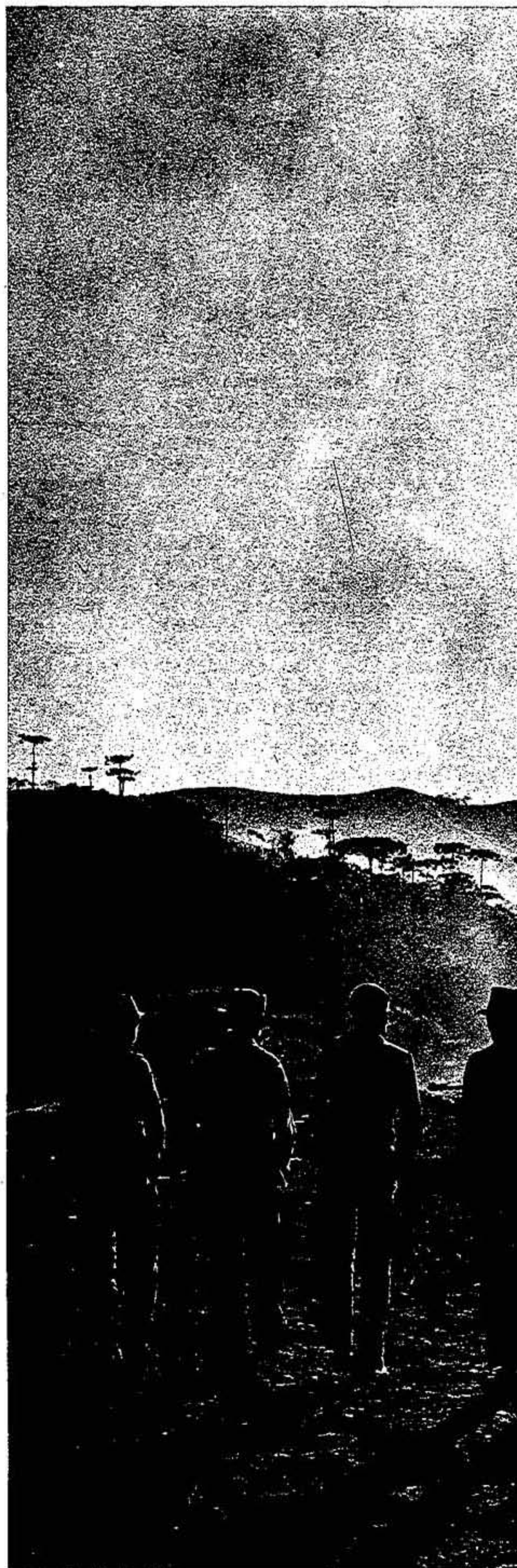
Igreja, Brasil e estruturas

fixa as posições. Na imprensa, a declaração dos bispos recebe o maior destaque, passando, daí por diante, a condicionar as atitudes das áreas governamentais em relação à Igreja. Todavia, neste momento, começam a correr rumores, veiculados pela imprensa, mas logo desmentidos, de que o Governo estaria tomando iniciativas no sentido de obter a remoção do Nuncio, acusado de ser pouco atuante com respeito aos bispos "subversivos". O fato assume tais proporções, que já se fala, nesta altura, em uma nova *Questão Religiosa*.

Dois Concílios, dois conflitos

A *Questão Religiosa*, tal como se apresentava em 1872, era, como hoje, um esforço da Igreja para ser fiel aos seus compromissos, sendo levada, exatamente por isso, ao conflito com o Estado que então fazia do catolicismo sua religião oficial.

Os marcos históricos da *Questão Religiosa* situam-se entre 1872 e 1875, embora tenham raízes bem anteriores. O conflito surgiu em meio a um clima de aparente paz, alicerçada em privilégios recíprocos: sendo a religião católica a religião oficial do Estado, o Governo podia intervir na nomeação e na remoção dos bispos, e os bispos, por sua vez, eram funcionários do Estado, conforme o Ato Adicional, percebendo cômputos e ou-





Frei Chlco

tros emolumentos. Neste clima, o gatilho do conflito foi a presença de elementos maçônicos em irmandades católicas, as quais na época constituíam forças atuantes no meio social.

Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda, cumprindo determinações do *Syllabus* e do Concílio Vaticano I, determinou a expulsão dos maçons de dentro das irmandades. As irmandades opuseram-se às ordens do Bispo e apelaram para o Imperador. Dom Vital, apoiado por Dom Antônio de Macedo Costa, Prelado de Belém do Pará, agora já contra o Imperador, manteve-se firme. Assim, deflagrou-se a crise.

Face à situação, o Governo Imperial, valendo-se de seus privilégios, instaurou processo, por crime de desobediência, contra os dois Bispos. Os Prelados, não reconhecendo competência àquele tribunal para julgá-los em assunto religioso, foram condenados a quatro anos de prisão com trabalhos forçados. Entretanto, a decisão judicial não pôs termo à crise, pois em 1875 o Imperador acabou por conceder anistia aos Bispos. O Gabinete, presidido pelo Visconde do Rio Branco, foi levado a resignar e a passar o Governo ao Duque de Caxias, que era católico praticante.

O que se verifica hoje — como vem dizendo a imprensa — é uma nova *Questão Religiosa*?

Atualmente, a preocupação da Igreja no Brasil é aplicar aquelas orientações e decisões emanadas dos documentos conciliares (Vaticano II) e das encíclicas papais. Nesta linha de Concílio, as correntes profundas que vão transformando a Igreja dão a esta uma dinâmica e uma imagem bem diversas das que conheceu a Revolução de 1964. É natural o conflito.

A imprensa reflete tudo

A imprensa e os pronunciamentos políticos refletem a amplitude e as conotações desse conflito. Uma análise atenta revelamos a mentalidade e as motivações que se acham por trás das atitudes assumidas. Analisá-las, evidentemente, não significa dar-lhes um juízo de valor, mas apenas oferecer uma oportunidade para se tirarem as conclusões.

Um documento extremamente claro como a mensagem dos bispos deu ensejo no Rio, por exem-

plo, às mais diversas manchetes: "Bispos condenam violências e querem diálogo com os jovens" (*Correio da Manhã*) — "Bispos ao Poder civil: estamos com o povo e morreremos por ele" (*Diário de Notícias*) — "Bispos condenam a subversão" (*Jornal do Brasil*) — "Bispos e cardeais proclamam o seu apoio a bispos e padres perseguidos" (*Última Hora*) — "Bispos exigem respeito à pessoa humana e à autoridade pública" (*O Globo*) — "Bispos repelem pressões e denunciam abuso do poder" (*Tribuna da Imprensa*) — "Igreja reafirma o respeito à ordem civil 'justa e racional'" (*O Jornal*)



A greve estudantil conta com a participação de seminaristas, padres e religiosos

Cortesia Última Hora

— “Bispos dão aos fiéis Hierarquia do mundo” (*Jornal do Comércio*).

Quase todos os colunistas de jornais, mesmo os que raramente abordam assuntos religiosos, dedicaram comentários à crise atual. Isso, refletindo as manchetes, dentro das posições também mais diversas.

Maurício Caminha de Lacerda (*Jornal do Comércio*), em sua coluna Gente e Notícia, nega que existam divergências graves: “Há realmente umas poucas (divergências). Mas não tão graves quanto se imagina ou quanto fazem supor certos — e incertos — políticos...”

Dantom Jobim (*Última Hora*) enfatiza a existência da crise: “A advertência que daqui fizemos, mais de uma vez, sobre os sinais que indicam a aproximação de uma nova ‘questão religiosa’, no País, encontra plena correspondência nos incidentes, que se vão amilhando entre o Estado e a Igreja. Esta mantinha uma velha e sólida aliança com o poder temporal, aliança que nem o agnosticismo republicano conseguiu abalar. Agora, a divergência entre os bispos e os governantes se revela a cada passo, por força de uma diferença de conceitos, dia-a-dia, mais evidentes, no plano político-social. É inútil querer ocultar a realidade e é pueril imaginar que a crise possa ser resolvida em termos de força material”.

Theóphilo de Andrade (*Diário de Notícias*, Porto Alegre), denunciando a subversão acobertada pela batina, assim acusa o documento dos bispos: “...Se, pois, há, como estamos a ver, no Brasil, bispos e padres que pregam e conspiram contra o Estado democrático — o que vale dizer pregam e conspiram contra os próprios princípios de liberdade da Igreja — devem ser seguros pela gola e entregues ao ‘poder civil’ para punição. E a punição deve acontecer, não depois de um julgamento religioso, pois os tempos da Inquisição já passaram, mas, diretamente, pela polícia e pelas autoridades judiciárias, sejam elas civis ou mili-

tares, desde que a ação repressiva se enquadre dentro da Constituição.”

Roberto Campos (*O Globo*) contesta a competência do clero para falar em assuntos econômicos e de reforma social: “A recente atitude ativista da Igreja em matéria de desenvolvimento econômico e reforma social é, ao mesmo tempo, *encorajadora e inquietante*. *Encorajadora*, pela enorme capacidade de comunicação radicular que tem o clero; isso poderia trazer às massas motivação para o desenvolvimento e aceitação do sacrifício que ele impõe. *Inquietante*, pela sua vasta desinformação: (de que, como graduado *summa cum laude* em Filosofia Escolástica e Teologia, posso dar veraz testemunho) sobre o funcionamento do sistema econômico. Essa desinformação leva a um radicalismo simplista, em que prosperarão duas criaturas: o demonólogo, que enxerga no subdesenvolvimento uma conspiração de demônios capitalistas, para manter baixos os salários e os preços das matérias-primas; e o *socialista romântico*, criatura tão adorável quanto ineficaz, que confunde falta de caridade com falta de produtividade, e na ânsia de distribuir riqueza antes de acumulá-la, atirará fora a criança com a água de banho”. (Grifo do autor.)

Paulo Francis (*Correio da Manhã*), após chamar a atenção para as reformas irreversíveis desencadeadas por João XXIII e pelo Vaticano II, assim explica a crise no Brasil: “A classe dirigente brasileira mostra-se inteiramente ignorante desses fatos. Oscila da tese Campos, a inocência dos padres, à insânia Corção, que se sente perseguido por comunistas em todos os cantos (Freud explica). O marechal Costa e Silva parece crer que se der uns tapinhas nas costas dos bispos e mostrar-lhes a bonacheirice do ‘Seu’ Artur tudo estará em paz,

os prelados *en masse* se convencerão das virtudes do regime e silenciarão ante suas injustiças. Ledo engano, que ainda ocasionará uma crise séria no País, pois a Igreja dispõe de uma autoridade sobre seus seguidores que nenhum partido político logrou igualar.”



Dom Valdir na Hora H: não se cala. Mostra os verdadeiros problemas



Os editoriais, de modo geral, estranham ou condenam a posição progressista da Igreja. O *Jornal do Brasil* (28-11-67) define a missão da Igreja como sendo "essencialmente sobrenatural": "Cumpra aos sacerdotes cuidar da formação cristã dos políticos, deixando aos leigos a execução da política no domínio temporal." Reforçando esta idéia, Clóvis Stenzel, citado por *O Estado de São Paulo* (6-12-67), vai mais longe: "Não deve o padre — diz — querer implantar o reino de Deus sobre a terra, pois o seu reino não é deste mundo. Os sacerdotes que pensam assim fazem grande mal à Igreja. Estão querendo substituir o credo religioso por um credo social. A missão da Igreja é eminentemente espiritual e não social."

O *O Estado de São Paulo* e o *Jornal do Brasil*, ambos de 2 de dezembro último, vêem no documento da CNBB um mero endosso das posições do Governo: "O pronunciamento da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil é um documento da maior importância, que tranqüiliza toda a família católica brasileira, justamente preocupada com a crescente infiltração da cizânia da luta político-ideológica nas sacristias de nossas igrejas e no recolhimento de nossos mosteiros". Até aqui o *Jornal do Brasil*. Agora, *O Estado de São Paulo*: "Se a tomada de posição da Comissão Central da CNBB servir de orientação para a conduta de alguns prelados em

particular, os católicos brasileiros poderão respirar tranqüilos, pois será afastado o pesadelo de conflitos artificialmente criados que não contribuem certamente para prestigiar a Igreja nem para facilitar o difícil desempenho da missão apostólica."

Outros editoriais acusam frontalmente padres e bispos de serem os instrumentos da comunicação do Brasil. Assim se expressa o editorial "Paramentos vermelhos" do *Jornal do Brasil* (23-11-67): "Tudo será simplificado numa flamejante regalia vermelha mais de acordo com as convicções de alguns dos nossos padres. Só faltará substituir a cruz pela foice com o martelo."

Arapucas, monstros e a opa vermelha

"Arapucas de satanás, malditos da Igreja, rebotalhos do Catolicismo, lividez mais fria dos monstros frios, descarado Bispo de Crateús, vendilhões do templo, irmãos da opa vermelha" — são algumas das muitíssimas expressões pouco usuais em polémicas dessa natureza e que traduzem profunda exacerbação. A argumentação apresentada quase não varia. Reduz-se praticamente a duas posições com poucas variantes: uns querem uma Igreja puramente celestial ou espiritual, outros exigem uma Igreja encarnada, presente no mundo.

Entretanto, o vocabulário seria muitas vezes quase impubescível.

Só nos momentos que imediatamente precederam ou seguiram a Revolução de 64 pôde-se constatar tanta virulência de palavras. Nunca, porém, em matéria religiosa — religiosa e assinada por gente que a todo o momento se diz católica. Procura-se desmoralizar as pessoas, seus motivos e posições. Pelo tom e pela carência de provas, muitas das acusações seriam mesmo matéria para processo criminal. (Tais formas de agressividade costumam ser atribuídas aos comunistas.)

Outro aspecto dessa questão de linguagem é a mudança de tom. O vocabulário dos descontentes com os renovadores da Igreja apresenta inegavelmente uma mudança de tática. A agressividade é substituída pelo tom conciliador. Apela-se para a concórdia, a serenidade, a prudência, o equilíbrio, o diálogo em alto nível. A fase agressiva em certo noticiário da imprensa corresponde palavras repassadas de ironia da parte de áreas cristãs (Frei Eliseu, Frei Mateus). A fase de aproximação encontra ressonância também em algumas áreas da Igreja (Dom Avelar, por exemplo).

Dizia Tomás de Aquino

Nessa altura, silêncio não é *causa finita*, porquanto é dele que surgirão as posições a longo prazo. A solução de conflitos pessoais e periféricos não mudará a questão fundamental, pois o que está em jogo é a própria visão de Igreja.

É absolutamente necessário ressaltar as sérias consequências de certa conceituação imprecisa e confusa a respeito de realidades mal compreendidas e mal analisadas.

Raimundo de Brito: cuidado com a subversão conduzida pelo clero



Um documento extremamente claro como a mensagem dos bispos sofre interpretações até opostas

Nas calorosas discussões de que imprevisivelmente participaram os personagens mais diversos, evidenciaram-se certos equívocos nos próprios conceitos e definições da questão essencial em foco: a relação entre o material e o espiritual, entre a construção da cidade terrestre e a busca do reino de Deus. Esta confusão de idéias provém de fontes diversas. Origina-se quer de posições de cunho racionalista, laicista ou positivista, quer de preconceitos de caráter maniqueísta, jansenista ou supernaturalista. Ambas as posições herdadas de preconceitos ou de tradicionalismos irrefletidos persistem, fortemente arraigadas ou vagamente difusas na sociedade pluralista em que vivemos. E acentuam a dicotomia entre o sagrado e o profano, entre o natural e o sobrenatural, entre o humano e o divino. Chega-se, por vezes, a estabelecer oposição absoluta entre as duas esferas da realidade.

Muitos ignoram que estas dicotomias são, hoje mais que nunca, contestadas pela maior parte dos grandes teólogos. Em virtude do mistério da comunicação de Deus aos homens e da Encarnação, o sobrenatural enxerta-se no natural e a graça impregna a natureza humana. Nunca existiu o estado de pura natureza: Deus sempre vocacionou o homem para uma participação maior de sua vida íntima.

Nunca, porém, anulou os valores da natureza quando solicitou o homem para um estágio superior. "A graça não destrói a natureza" — já dizia Santo Tomás de Aquino. Para responder a Deus, o homem não precisa renunciar aos valores e às perfeições com que foi dotado. Por isso mesmo, na busca dos bens espirituais, não deve nem pode



desinteressar-se do desenvolvimento de todas as virtualidades que recebeu no plano da vida terrestre. Nem tampouco os clérigos, pois não são homens diminuídos, nem alienados, mesmo quando consagram suas vidas à difusão e implantação dos valores espirituais e sobrenaturais. É o que afirma a *Lumen Gentium*: "Ninguém deve pensar que, por sua consagração a Deus, os religiosos se tornam estranhos aos homens ou inúteis à cidade terrestre" (nº 46). E a *Gaudium et Spes* declara explicitamente: "A Igreja, cumprindo a missão própria, estimula a civilização humana, contribui para ela e por sua atividade (...) educa o homem para a liberdade interior." A *Populorum Progressio* versa toda sobre o "desenvolvimento integral do homem que não pode realizar-se sem o desenvolvimento solidário da humanidade" (nº 43).

O choque do infantilismo religioso

A Igreja no Brasil aos poucos vai optando pela realidade. A realidade supera a dicotomia entre natural e sobrenatural, e implica em atitudes concretas face aos problemas que condicionam o curso da História. Ora, a His-

tória não é uma abstração: é um esforço de diálogo dos homens entre si e com Deus. Mas, se os homens — por causa das injustiças — não podem dialogar entre si, muito menos poderão dialogar com Deus.

Assim, em 1967, os encontros dos episcopados regionais (Belo Horizonte, São Paulo, Recife, Manaus, Porto Alegre), com características especificamente pastorais, começam por situar-se dentro da realidade sócio-econômica. Para isso, entretanto, os bispos buscam então a assessoria de técnicos leigos. Dêse modo, a 25 de janeiro de 1967, a CNBB e mais setenta técnicos em planejamento e economia, de todo o Brasil, estudam a inserção da Igreja no processo do desenvolvimento. Esta superação da dicotomia, que o Vaticano II simplesmente veio acelerar, foi a atitude da Igreja desde os tempos apostólicos.

Roberto Campos não enxerga no subdesenvolvimento uma conspiração



O eco dos encontros entre bispos e técnicos aparece nos manifestos e pronunciamentos que surgem ao longo do segundo semestre de 1967. O dinamismo interno aos poucos modifica a face da Igreja pré-conciliar. Não estranha, pois, o choque e a reação dos que procuram nesta Igreja que se renova a imagem de suas próprias tradições. Eles não acompanham a vida interna da Igreja. A Igreja é para eles como um sermão bonito que não compromete ninguém. Esquecem que as alegrias, as angústias e as esperanças dos homens são as alegrias, as angústias e as esperanças da Igreja (*Gaudium et Spes*).

A visão vesga da realidade

À medida que os incidentes se tornam mais acalorados, o que se constata é uma progressiva interpenetração de áreas. Economistas comentam, interpretam, fazem exegeses detalhadas de encíclicas, de documentos pontifícios e de pronunciamentos da hierarquia; querem mesmo definir a missão da Igreja. Por sua vez, bispos e padres abordam problemas sócio-econômicos habitualmente reservados aos especialistas. O manifesto de bispos do Terceiro Mundo, por exemplo, aponta as causas técnicas do subdesenvolvimento.

Esta interpenetração de áreas inicialmente apresenta uma vantagem: traz à luz as concepções e as motivações de parte a parte. Isso, aliás, é a condição prévia para a evolução dos termos da questão.

A interação elimina a compartimentação-estranque, fruto da separação absoluta entre espiritual e material. A Igreja que integra homens de todas as condições, que tem em seu seio não só clérigos, mas também técnicos e políticos, esta Igreja possui o direito e o dever de estudar a realidade sócio-econômica em todas as suas implicações. Visão realista é a que não reduz o homem a um robô bem lubrificado (instrumento do desenvolvimento mirabolante) nem a uma alma desencarnada (tática do egoísmo capitalista).

No vocabulário bíblico, os conceitos de carne (corpo) e espírito (alma) escapam completamente à visão dualista de uma certa filosofia. Para os autores bíblicos, o vocábulo *carne* conota, subentende o espírito e também o outro termo, *espírito* ou *alma*, conota ou supõe a realidade carnal: o homem é um todo. Com boa ou má intenção querer dividi-lo é tática diabólica.

É pois de se esperar que o duplo enfoque da realidade humana possa convergir para esta realidade una, que é o HOMEM.

O homem é CRISTO

Face ao movimento que os Apóstolos vinham desenvolvendo contrário a uma ordem estabelecida, as autoridades convocaram Pedro e João, e intimaram-nos a não mais falar de Cristo. Então, os dois Apóstolos responderam: "Julgai-o vós mesmos se é justo aos olhos de Deus obedecer antes a vós do que a Deus. Nós não podemos deixar de falar daquilo que vimos e ouvimos" (At 4, 19-20).

O que os Apóstolos tinham visto era um Cristo com fome, sem casa, sem roupa, perseguido, preso, condenado à morte e ressuscitado. E o que eles tinham ouvido era um Cristo que exigia o justo salário e mandava amar, e no amor colocava o sinal característico da sua Igreja: "E nisto precisamente todos reconhecerão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros" (Jo 13, 35). A Igreja não pretende ser dona de receitas prontas. Ela quer caminhar com todos os homens, está aberta ao diálogo com todos.

Todavia, padres e bispos rejeitarão o falso diálogo, não deixarão de protestar se o Povo for tratado como um bando de robôs ou de fantasmas. Se a Igreja fala, é sempre baseada na esperança da ressurreição, da vida nova que começa hoje, nesta terra.

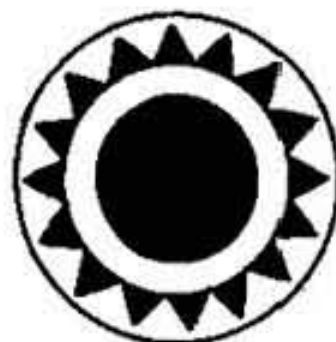


A felicidade que Deus quer para nós só existe completa na eternidade, mas ela deve começar agora, para todos, já nesta terra



EDUCAR PARA O SÉCULO XXI

O XIII CONGRESSO Nacional de Educação realizou-se no Rio de Janeiro, entre os dias 19 e 25 de novembro último. Foi promovido pela Associação Brasileira de Educação, sob o patrocínio do Governo do Estado da Guanabara e dos ministérios de Educação e Cultura, das Relações Exteriores, do Trabalho, da



REPORTAGENS

Aeronáutica, da Saúde, de Indústria e Comércio, e do Planejamento. Este encontro, que reuniu muitos dos maiores especialistas da ciência e da técnica, teve como tema principal a Educação para o Progresso Científico e Tecnológico. Os outros temas abordados foram os seguintes: adequação de nosso ensino aos objetivos do progresso científico e tecnológico, êxodo dos cientistas, mística do desenvolvimento nacional, reestruturação de nossas universidades e institutos de pesquisa, aperfeiçoamento da própria pesquisa de formação de pesquisadores de alto nível.

"A cachoeira... está rouca de gritar"

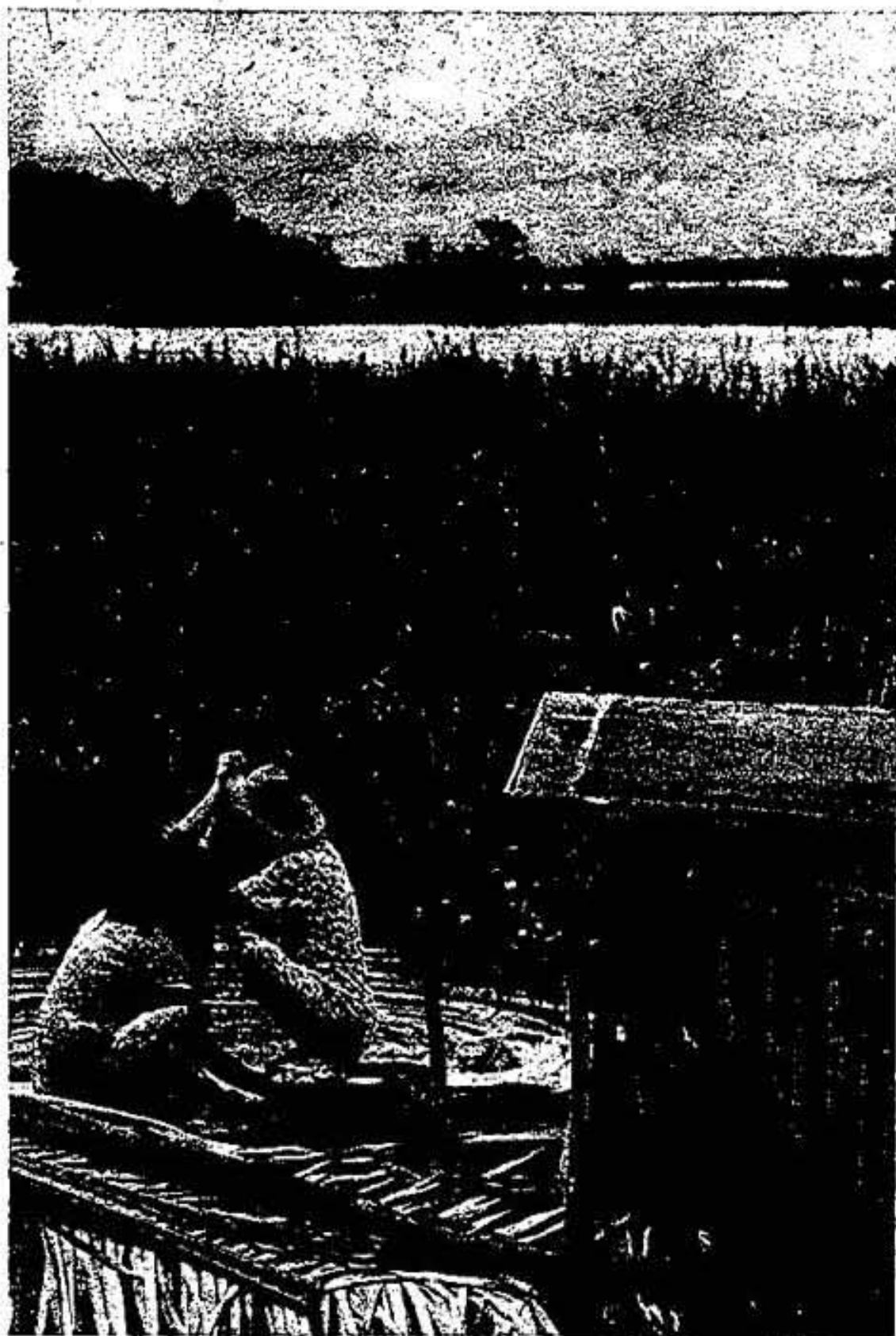
O assunto em pauta nos dias que correm é realmente estímulo ao progresso científico e tecnológico, bem como a educação para o desenvolvimento e promoção da pessoa humana. O ritmo crescente das transformações tecnológicas é um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento econômico de uma nação. A revolução médica, metalúrgica e tecnológica são os meios para o País atravessar a barreira do subdesenvolvimento.

A análise histórica do ocorrido em países que se transformaram em potências econômicas revela que a fase chamada de demarcação do desenvolvimento caracterizou-se por uma corrida maciça exatamente para a formação de técnicos e cientistas. É este, por exemplo, o caso do Japão que enviou estudantes para laboratórios do mundo inteiro, colhendo daí um progresso sem precedentes agora impulsionado pelas faculdades de ciências obrigatoriamente instaladas ao lado de todo instituto superior. Por outro lado, enquanto as superpotências como a Rússia, os Estados Unidos e a China diplomam cada ano dezenas de milhares de engenheiros, nós, aqui



no Brasil, conseguimos formar apenas dois mil, de modo que um técnico corresponde a 35 mil habitantes, sendo que a maioria desses técnicos concentra-se na Região Sul.

Dizia José Lins Rêgo: "A cachoeira de Paulo Afonso está rouca de gritar pelos engenheiros do Brasil". É o caso de dizermos: o Brasil clama por um Governo que realmente acredite ser a educação o melhor e o mais produtivo dos investimentos. O Governo precisa ser o promotor e o líder do progresso econômico, mediante uma política mais agressiva de formação de cientistas e técnicos especializados. Continuando a ser o país que importa conhecimentos e exporta cérebros, nós nos condenaremos a um permanente subdesenvolvimento.



Nas margens do rio Madeira, esta barca virou casa

Ciência e técnica são para servir ao homem

Exportação de cérebros

O Brasil possui poucos cientistas capacitados para grandes empreendimentos. A "evasão de cérebros" não foi compensada, uma vez que os valores novos não tiveram ainda tempo de ganhar prática e experiência.

A "operação retorno" constitui agora um dos mais importantes passos no sentido de incrementar a pesquisa em nosso País. Todavia, este trabalho enfrenta sérios obstáculos. É um deles a ínfima remuneração que impossibilita a dedicação exclusiva dos pesquisadores e provoca o seu êxodo. Se o técnico não é suficientemente pago, o recrutamento de talentos jovens torna-se difícil.

Entre as causas determinantes da crise de pesquisa no Brasil, além da evasão de profissionais de alto gabarito e das péssimas condições de trabalho dos poucos que permanecem, temos as oscilações políticas a interferir no provimento de pesquisadores, assistentes e dirigentes de institutos. Não se compreende que exista, em pleno século XX, o medo de falar ou debater livremente assuntos controvertidos e seja cerceada, ou se limite, a livre expansão das idéias e das pesquisas. É preciso haver liberdade de trabalho para o progresso da ciência.

Não havendo demanda de cientistas por parte dos laboratórios e indústrias nacionais, constituídas em meras filiais de indústrias estrangeiras, os elementos de valor acabam sendo so-

licitados pelos grandes laboratórios e universidades dos países avançados.

Outro sério entrave é a subordinação das universidades e institutos de pesquisa a organismos burocráticos, cujo objetivo é, às vezes, realizar economias e impedir a nomeação de professores jovens. Com estruturas rígidas e inadequadas nas universidades, nos centros de pesquisa e nos setores básicos da vida do País não é possível esperar que, por milagre, se produzam, do dia para a noite, ciência e técnica em alto nível.

Pesquisa própria ou indústria de cópia

Um povo subdesenvolvido é um povo subinstruído. Com mais de 50 por cento de analfabetos e pouco mais de uma sobre mil crianças que ingressaram na escola primária conseguindo terminar o curso superior, é impossível querer que o Brasil cumpra a missão que lhe cabe na América Latina. Somente confrontando os sonhos com a nossa realidade e denunciando os erros é que nossa ciência poderá progredir e criar progresso. É urgente que nos preparemos para a vida dos 15 ou 20 anos próximos. Alguns momentos da história são mais carregados de futuro que outros. O nosso é um deles. A sociedade torna-se cada vez mais técnica. O fato de hoje é "a explosão das ciências e das técnicas". É o instinto de plenitude no emprego das faculdades que leva o homem a lançar satélites e a conquistar o espaço interplanetário. Roberto Oppenheimer afirma que 9/10 de todos os sábios da ciência experimental produzidos pela humanidade, desde a origem dos tempos, estão vivos.

Contudo, geração espontânea não existe no terreno intelectual. Temos que tomar consciência do atraso científico e tecnológico que nos coloca em situação de alarmante inferioridade no mundo moderno e optar decididamente por uma política nacional da ciência e da tecnologia, visando à formação de pesquisadores e técnicos em todos os ramos.

Esta situação de país em vias de desenvolvimento é um desafio histórico a toda a sociedade. E só a educação conseguirá quebrar as barreiras do atraso em que vivemos.

Os problemas dos países subdesenvolvidos repousam na escassez de pesquisadores. De tal modo, ou educamos nosso povo ou não teremos futuro. Temos que entrar no dinamismo de nosso século. Uma recusa neste sentido significa precipitar-se em direção do empobrecimento e do aniquilamento progressivo.

O conceito atual de soberania ultrapassa o conceito meramente político de independência do

século XIX e repousa em uma economia nacional capaz de evolução autônoma. A colaboração estrangeira, desde que subordinada aos nossos interesses, é bem-vinda. Todavia, seria ingênuo pensar que um desenvolvimento fundamental dependa da ajuda externa, dependa das decisões de outros, dependa dos programas e da época que os outros achem por bem determinar. Sem pesquisa própria, um país só pode aspirar a uma indústria de cópia. Através do aproveitamento total de suas riquezas, o desenvolvimento é a medida da capacidade de uma nação. Entretanto, a principal riqueza é a inteligência dos jovens e, sobretudo, dos minigênios.

Os superdotados

A elite das inteligências merece e exige atenções especiais, pois ela faz progredir a massa.

O Ministério de Educação e Cultura criou, a 28 de novembro último, a Comissão que cuidará de uma política de melhor aproveitamento dos jovens talentos brasileiros, os chamados minigênios, ou superdotados. Para eles, a Comissão procurará criar as condições capazes de lhes apoiar as diversas etapas de aperfeiçoamento. É propósito da Comissão partir de experiências-piloto que, em caráter de complementação à escola comum, visem a criação de centros experimentais de educação do bem-dotado.

Os talentos excepcionais podem ser percebidos onde quer que estejam, mesmo nas classes mais desfavorecidas. É por esta razão que o Ministério de Educação e Cultura, ao baixar portaria criando a Comissão, assim se expressou: "Os excepcionais positivos, isto é, aqueles que afirmem seus méritos nos diversos campos de formação pedagógica, como por exemplo os primeiros alunos das classes escolares — não só nos principais centros urbanos mas também no interior do País —, merecem ajuda para progredir, assim como os excepcionais negativos, ou seja, os deficientes, têm do País a compre-

ensão, embora em seu favor muito se deva fazer".

O destino da humanidade, na imensa metamorfose que a vai beneficiar, mas também fazer sofrer, depende em grande parte da meditação e do estudo de seus melhores elementos. Jamais o homem médio teve tão grande necessidade de tipos superiores. É sabido que cada geração tem suas dificuldades, pois a evolução cria constantemente novos problemas. Cabe aos sábios elucidá-los e ajudar a resolvê-los. Ora, para isso os jovens devem ser preparados.

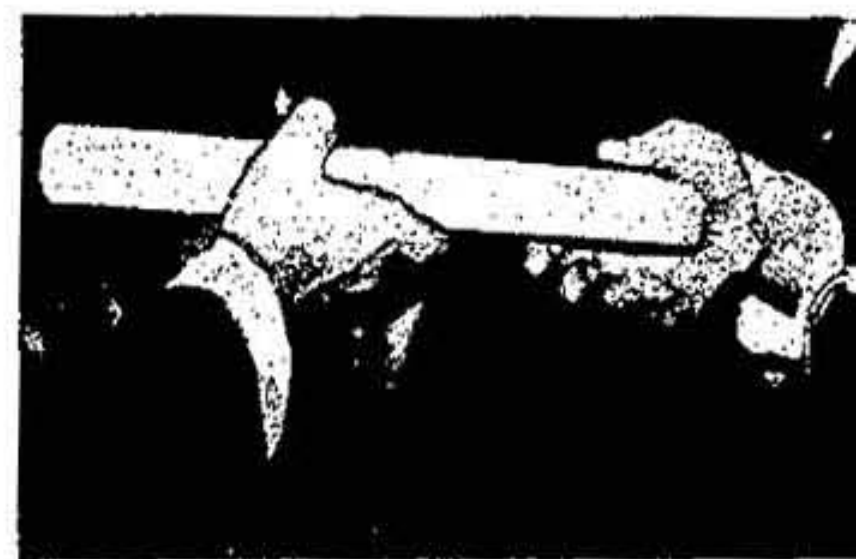
Investimento humano

Podemos ver na educação um bem de consumo, alguma coisa que a pessoa adquira para usar, ou um investimento, alguma coisa em que empregamos o dinheiro esperando multiplicar-lhe o valor.

A educação pode facilmente ser entendida como uma coisa ou outra, ou como ambas ao mesmo tempo. Se a educação é bem de consumo como o leite, o pão, o cinema, ela pode ser diminuída em tempo de poupança aguda, sem que daí resultem efeitos a longo prazo para a economia. Mas se é investimento, talvez seja preciso gastar mais do que no momento pareça prudente. Isso, por causa dos efeitos a longo prazo que podem influir grandemente no crescimento econômico. A educação que não se dá hoje pode representar, no futuro, um atraso muito maior do que o imaginado. Consequência disso é a aceitação de que o Estado deve investir largamente na educação para assegurar a sua soberania, vendo em cada pessoa um instrumento do progresso.

Do ponto-de-vista do valor, o investimento torna-se máximo na universidade. Isso, entretanto, não significa que os outros graus de ensino devam ser preteridos ou tratados com menos empenho e atenção. Pelo contrário, a atenção e o empenho têm que ser os mesmos, pois ninguém consegue assentar uma cúpula sobre alicerces frágeis.

Neste quadro, não é difícil situar a função do professor. A



comunicação do conhecimento, à medida que chegamos ao ápice da pirâmide, é naturalmente um processo caro, perquanto tal comunicação exige o conhecimento das técnicas de ensinar, supõe uma retaguarda de conhecimentos que só uma equipe de pedagogos poderia dar.

Nos dias atuais, a ciência, mesmo a mais pura e teórica, produz efeitos em tão curto prazo que gera verdadeiras revoluções técnicas. Daí outras tantas revoluções sociais e econômicas. Rapidamente altera-se a face do mundo. E graças aos meios de comunicação, a consciência que o homem possui hoje de sua condição fundamental de liberdade é a causa profunda que favorece as revoluções. Ora, nesse contexto, a educação é que aparece como força de harmonia e de progresso.

Diante deste mundo que é um desafio constante aos povos, ninguém mais considera a educação em termos de pequenas unidades, mas como um processo total, uma quase mobilização nacional, e em breve talvez se diga internacional. Com efeito, o desenvolvimento está justamente em assegurar a cada ser humano a plenitude de sua realização. Mas, para que assim possa acontecer, é necessário que a educação tenha o que não tem tido: uma consistência de objetivos. É preciso que os educadores possuam uma consciência clara sobre o sujeito, sobre o porquê e sobre a finalidade da educação.

Revisão do sistema escolar

A escola deve corresponder sempre às necessidades concretas da sociedade. A educação de tipo acadêmico posta em prática nos nossos ginásios tem como efeito

EDUCAR PARA O SÉCULO XXI

O que conta é a eficiência real, não a simbólica

Existe uma dicotomia entre educação e trabalho

a formação de homens fechados para a sociedade nova e incapazes de se integrar nela. Educar crianças é antes de tudo prepará-las, segundo valores eternos, para o mundo que as espera. Ora, existe uma dicotomia manifesta entre a educação e o trabalho; e se esta situação continuar, teremos a escola como mera instituição para classificar e titular homens segundo critérios já ultrapassados. O maior defeito do ensino nacional é o enfoque puramente escolar dos problemas existentes, sem uma valorização do trabalho pela técnica.

Se a sociedade se torna mais técnica e científica, é preciso repensar, no ensino de todas as disciplinas, a parte experimental. Devemos caminhar para o ensino mais realista, colocando os alunos face aos fenômenos da natureza e da vida biológica, humana, social, econômica e técnica, fornecendo-lhes métodos rigorosos de pesquisa, experimentação e reflexão.

É desde o curso primário que devemos cuidar desta preparação, suscitando nos alunos a curiosidade intelectual, o espírito de pesquisa, o gosto pela ciência e pela técnica, pelo trabalho pessoal e criativo, e o amor pela descoberta. Uma mentalidade tecnológica deve, primeiramente, atingir os professores que levarão seus alunos a descobrir as possibilidades que Deus escondeu misteriosamente no seio da criação.

As escolas de nível médio também devem ser reorganizadas. Precisamos difundir e estimular, por todos os meios, ginásios e colégios orientados para o trabalho ou experimentais, providos de material e instalações adequados ao moderno ensino das ciências.

Eles estão na linha do mundo moderno, porque asseguram maior cultura geral, retardam o momento da especialização e atendem melhor à diversificação das classes, à pedagogia e ao ideal democrático da igualdade de direitos.

Ginásios orientados para o trabalho são os ginásios atuais com uma iniciação técnica. Não se trata de ensino profissional propriamente dito: não é o caso de aprender uma técnica, mas um conjunto de técnicas ao lado da cultura geral.

A preparação do técnico de nível médio corresponde à maior necessidade de nosso parque industrial que, sem eles, se verá tolhido. Por isso, há necessidade de integração dos problemas da indústria com o sistema educacional. Neste sentido, a Petrobrás orgulha-se dos êxitos alcançados com a formação de técnicos e pesquisadores.

EDUCAR PARA O SÉCULO XXI



Abandonar a civilização de bugigangas

As universidades cabe exercer o papel de cérebros e de corações que dinamizam o progresso e a cultura do País. As mudanças sociais brasileiras, as condições geradas pela industrialização já começam a pressionar a instituição universitária para uma tomada de consciência crítica que a faça repensar seus métodos, dinamizar suas estruturas anacrônicas e ajustar-se ao processo social em curso.

Se até o presente as universidades estiveram muito preocupadas com suas fachadas, cabe-lhes agora preocupar-se com a pesquisa científica pura e aplicada, com o pensamento original em todos os campos, com o equacionamento e a solução dos problemas e necessidades que afligem o meio, com a formação básica em geral, com a preparação de tecnólogos de alto nível, com a comunica-

A educação que não se dá hoje, pode representar, no futuro, um atraso muito maior do que o imaginado



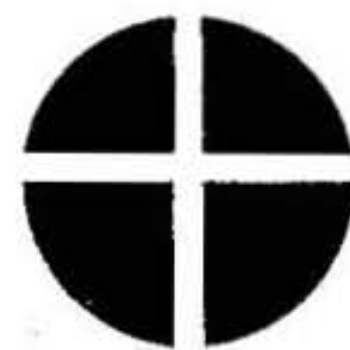
ção da cultura e a prestação de serviços, mediante o diálogo com o homem através da inserção na comunidade. A universidade precisa promover a integração do homem no momento histórico e proporcionar-lhe as categorias necessárias à compreensão de seu processo cultural.

A universidade tem um grande e único compromisso: a verdade, a ciência, a formação, a pesquisa. Tal compromisso obriga tanto ao professor quanto ao aluno, pois ambos devem estar preocupados com a criação de uma mentalidade científica no País. Só assim sairemos de uma civilização de bugigangas. Estudo e pesquisa não são incompatíveis: devem coexistir em cada instituição, escola ou faculdade.

A universidade e os institutos de pesquisa não se podem deixar ultrapassar pelas necessidades da comunidade a que servem. Se elas estão chamadas a colaborar no processo de desenvolvimento, não teria sentido algum esperar que se consumassem as reformas sociais para então pensar em reformar-se. A universidade não deve estar a serviço de seu próprio interesse, mas deve situar-se numa dimensão comunitária, deve preceder aos homens, interrogando-se e reformulando-se continuamente. A rapidez da evolução exige dela flexibilidade e fácil adaptabilidade. O que se exige é um padrão ajustável ao tempo e ao espaço, que vise a uma eficiência real e não apenas simbólica, como a dos diplomas.

Felizmente, hoje as universidades não querem mais ser definidas como arquipélagos de faculdades isoladas e desarticuladas do ensino médio e pós-graduado. A reforma estrutural em curso nas universidades por certo virá atender às exigências modernas de produtividade, diversificação do saber científico e desenvolvimento nacional.

**PROF. IRMÃO DEOLINDO
CAETANO VALIATI**



IGREJA NO MUNDO

Hiroxima, Nagasáqui e o nosso átomo

Quando o Brasil fecha os ouvidos ao egoísmo das superpotências e exige o direito à utilização pacífica da energia atômica deve estar pensando que a nuclearização pacífica é um imperativo acelerador do desenvolvimento e da integração nacional. Nenhum país do mundo necessita, tanto quanto o nosso, de engenharia geográfica e de uma tecnologia nuclear avançada.

Como desbravar, por exemplo, a Amazônia, sem o átomo que nos permita desviar cursos de rios, aterrar pantanais, levantar barragens e rasgar florestas?

O átomo tornará possível, a custo mais baixo, a exploração intensiva do petróleo e de outras riquezas minerais, a abertura de portos e rodovias, a remoção de obstáculos à navegação fluvial, a criação de um sistema nacional e continental de hidrovias que ligue o Amazonas ao Prata e ao Orenoco.

Na agricultura permitirá maior produtividade e a preservação das colheitas, o barateamento dos custos de produção e armazenagem. Na medicina, o combate mais eficaz a enfermidades e melhores condições de higiene. Na hidrografia, a construção de açudes, localização de águas subterrâneas, desvios de cursos de água, o que será decisivo no combate às secas no Nordeste. O aproveitamento dos minerais atômicos, especialmente os de tório, permitirá a produção econômica de energia para as regiões sem recursos hidráulicos. Na Indústria, o átomo será um fator de avanço e aperfeiçoamento tecnológico.

A energia atômica e o computador eletrônico são uma força e um instrumento, para os quais é preciso preparar um homem novo. A era atômica impõe atualização e revisão de conceitos e reexame de posições, pôsto que a inércia em nada nos poderia

ajudar, em um mundo que se transforma em ritmo acelerado.

A ciência e a tecnologia, em si mesmas, são coisas boas. O mal está no uso maléfico que delas se faz. A finalidade de ambas é servir ao homem, contribuindo para o seu bem-estar, liberando-o de muitos trabalhos difíceis e penosos, sem lhe causar evidentemente a decadência material ou espiritual. Foi pensando nisso que Padre Hélder, recentemente, lembrou: "Hiroxima e Nagasáqui sofreram por nós, mas dia virá em que a força imensa do átomo será utilizada para fins pacíficos e para o bem da humanidade, especialmente em regiões como a Amazônia."

Novas linhas de ação

Está marcada para o próximo mês de julho, dias 13 a 17, a Assembleia-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Os trabalhos preparatórios já foram iniciados.

Além das eleições para os diversos cargos, prevê-se, para esta reunião, uma reestruturação dos secretariados. Até o momento, são treze e apresentam-se numa certa compartimentação-estaque. Espera-se que sejam reduzidos a seis, de acordo com as linhas fundamentais do Plano Pastoral de Conjunto: unidade interna, ação missionária, catequética, litúrgica, ecumênica, reflexão teológica e inserção no mundo.

Isso constituirá uma tomada de posições pastorais, a qual, sem dúvida, dinamizará, ainda mais, a Igreja no Brasil.

Presença

O Geral dos jesuítas, Padre Arrupe, chegará ao Brasil, no dia 20 de abril, para uma reunião com todos os provinciais da América Latina. Refletirão juntos sobre aspectos e problemas da sua presença na realidade latino-americana.

Teologia e realidade brasileira

O Encontro de Teólogos recentemente realizado em Belo Horizonte, reunindo sobretudo reitores dos Institutos de Filosofia e Teologia, teve como objetivo estudar os caminhos da Teologia no Brasil de hoje. Estimulando e desenvolvendo uma reflexão que parta mais da realidade nacional, deverão os teólogos conduzir seu pensamento para um campo mais prospectivo — um pensamento que fuja ao ciclo vicioso de repetir esquemas renovados mas alheios a essa realidade. Foi por isso decidida a criação de dois grandes centros de reflexão: o curso de pós-graduação em Teologia (a ser criado, possivelmente, na PUC de São Paulo) e o centro de pesquisas teológicas (talvez em Petrópolis), o qual, entre outras vantagens, oferece a de um maior entrosamento com o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, do Rio.

Nesta mesma linha, já se pensa num órgão de comunicação de pensamento teológico. As revistas existentes entre nós são relativamente herméticas, de caráter muito formal e com uma periodicidade que não permite circulação rápida. Deseja-se uma documentação com maior liberdade de expressão. O plano é traduzir o boletim *I-DOC* (Informação-Documntação sobre a Igreja Conciliar), acrescentando-lhe as reflexões de teólogos brasileiros.

CERIS: um instrumento necessário

O Diretor do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, Padre Afonso Gregory, esteve recentemente na Europa a fim de participar em uma *Semana sobre a América Latina*. Neste encontro, realizado no Instituto Ibero-Americano de Hamburgo (Alemanha), teve ele ocasião de



Não é necessário DIU. Necessária é a nuclearização para o desenvolvimento e a integração nacional

proferir uma palestra acerca da «Igreja e os mais recentes avanços sociais na América Latina». Concedendo uma entrevista a jornalistas, empresários e professores da Universidade de Hamburgo especialmente convidados, Padre Gregory prestou esclarecimentos a respeito de diversos assuntos que se prendem com a Igreja nesta parte do nosso continente.

A pedido da Ação ADVENIAT, deslocou-se depois à cidade de Essen, onde discutiu problemas de uma política de distribuição dos recursos recolhidos pelo Episcopado alemão. Em sua passagem por Paris, Lovaina e Aachen, tratou ainda de questões do interesse do CERIS.

No fim do mês de janeiro, em Cochabamba, tomou parte, como professor, num curso para bispos e padres.

No Brasil, a pesquisa sócio-religiosa, além dos problemas próprios a este tipo de trabalho, encontrará realidades «extremamente complexas e surpreendentes, sobretudo no campo religioso». O CERIS constitui, assim, cada vez mais, instrumento necessário a uma pastoral que queira atingir as suas metas.

CRB: Assembléia-Geral

Entraram em fase mais intensa os trabalhos preparatórios para a próxima Assembléia-Geral da Conferência dos Religiosos do Brasil, a realizar-se de 22 a 26 de julho deste ano. O encontro, que reunirá mais de seiscentos provinciais — entre padres, irmãos e irmãs —, revestirá dois aspectos: reforma estatutária com as eleições para preenchimento dos cargos da Diretoria Nacional e estudo dos grandes problemas da vida religiosa, hoje. É intenção dos organizadores proporcionar aos participantes os elementos necessários a uma visão equilibrada e ampla dos problemas da vida religiosa, de modo que a mensagem do encontro seja cole-

tiva e responda efetivamente aos problemas atuais de todas as comunidades. Sob a orientação dos secretários-executivos dos vários regionais, os trabalhos preparatórios estão sendo conduzidos por uma equipe de reconhecida competência teológica e, a partir de maio, estarão em mãos dos interessados.

Comunicação social

O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), consciente do que representa para a Igreja do continente, para sua pastoral e sua catequese, o fenômeno da Comunicação Social, criou um Departamento de Comunicação Social, ao nível dos demais departamentos.

ISPAC na realidade paranaense

Segundo informação do Padre Cláudio Ortigara, começará a funcionar em Curitiba, este ano, o ISPAC que foi precedido pelo Instituto Catequético do Paraná e que preencherá uma necessidade pastoral do Regional Sul II. O objetivo deste Instituto é «formar pessoas responsáveis pela coordenação catequética das dioceses do Paraná, capacitando-as a detectar a realidade religiosa vivida nesta região e, através de uma desmitificação, explicitar a verdadeira dimensão do Evangelho através da palavra e do testemunho». «A linha fundamental do curso será antropológica visando ao problema de evangelização, uma vez que o pressuposto *fé* teológica existente na região é passível de uma análise mais séria. Haja vista a manifestação de mentalidade cristã através de atos nem sempre os mais adultos, cristamente falando. Assim, Bíblia, Liturgia, Mistério cristão, Sociologia religiosa e Psicologia religiosa terão como centro de preocupação o homem de hoje situado na realidade religiosa paranaense».

ISPAC em Belo Horizonte

Durante o ano passado, a preocupação do ISPAC de Belo Horizonte foi também a dimensão antropológica à luz da Revelação. O curso foi um esforço no sentido de enfrentar a realidade brasileira com a mensagem cristã. No método houve um rompimento com o espírito de escolaridade. A reflexão foi o ponto-chave: substituíram-se as aulas por dias de trabalho, com unidade de matéria a ser refletida por todos. Os trabalhos desenvolveram-se nas seguintes fases: após a exposição da unidade de matéria, procedia-se a um estudo em grupos, onde se fazia a verbalização do assunto exposto para testar o grau de captação individual. Seguiu-se o confronto com a realidade e uma síntese no grupo. Um plenário com debates e avaliações realizava a síntese final.

«É preciso falar sempre de Paz»

Este o *leitmotiv* que o Papa Paulo VI repete em suas mensagens de Natal e de Ano Novo. «É preciso ensinar o mundo a amar a Paz, a construí-la, a defendê-la contra as investidas da guerra que continuamente renascem (emulações nacionalistas, armamentos, provocações, ódio de raça, espírito de vingança etc.). É preciso despertar nos homens do nosso tempo e das gerações vindouras o sentido da Paz, fundado na verdade, na justiça, na liberdade e no amor.»

Procurando promover esta Paz, não de maneira abstrata e por palavras retóricas, mas concretamente, indicando os caminhos que poderão trazê-la sobre a terra o mais depressa possível, o Papa, na Mensagem de Natal, concitava os cristãos a escolherem o dia 1 de janeiro para a celebração do Dia Mundial da Paz, dirigindo a Deus preces para esse fim.

A essas exortações o Papa acrescentou moções concretas junto aos governos dos Estados

Unidos, por ocasião da passagem do Presidente Johnson por Roma, no dia 23 de dezembro, e enviando a Leningrado, em missão especial, o Subsecretário para assuntos ecumênicos Jean Willebrando.

Também no Rio de Janeiro, a Cúria Metropolitana promoveu, no Dia da Paz, uma celebração ecumênica, de que participaram, além do Cardeal-Arcebispo e do Sr. Nuncio Apostólico, representantes da Igreja Ortodoxa, de diversas Igrejas reformadas e de sinagogas judaicas.

Em escala maior, concretizou-se, assim, uma idéia lançada, meses atrás, e comemorada no dia 1 de setembro último pelo Prior dos Dominicanos em São Paulo, Frei Francisco Araújo.



Educação: Novas Exigências

A recente reunião dos Secretários de Educação do CELAM examinou o planejamento da educação católica na América Latina e seu entrosamento com os planos nacionais de educação.

No encontro, o Padre José de Vasconcelos fez observar que a educação, «tarefa outrora deixada ao pioneirismo da iniciativa privada ou ao exercício da caridade cristã das Igrejas», é hoje objeto de preocupação e de esforços por parte de todos os povos. O Concílio Vaticano II já havia pedido, «a todos os governos dos povos ou responsáveis pela educação, que tudo façam para que a juventude nunca seja privada desse sagrado direito».

Entretanto, em nosso País, dos dois milhões de adolescentes que conseguiram passar pelo *funil* dos cursos primário e médio e que no momento esperam entrar na universidade, somente uma pequena parte o conseguirá, porquanto as vagas existentes são para 200 mil.

Por outro lado, uma educação aberta à comunhão com todos, sensível aos valores do mundo contemporâneo, exige, dos educadores, uma outra visão e uma «prontidão contínua para renovar-se e adaptar-se» (*Gravissimum educationis*). Isso, porém, na situação atual do País, está sendo dificultado pela escassez de recursos concedidos à educação. Basta examinar como são pagos os professores.

A Imprensa num mundo em transformação

De 1 a 5 de julho próximo, em Berlim, reunir-se-á a União Católica Internacional da Imprensa para o seu VIII Congresso Mundial.

Num mundo que rapidamente se transforma e onde os problemas se avolumam, o jornalista cristão, de modo especial, defronta-se com perguntas cujas respostas são necessárias para lhe

orientar a atividade dentro da linha do Evangelho. Assim, por exemplo, que dizer das opiniões que divergem das do bispo diocesano? Nesta era de divergências e de diálogo, não terá o povo o direito de conhecer todas as opiniões em confronto, fora e dentro da Igreja?

O tema básico deste Congresso será *A imprensa num mundo em transformações*. Os aspectos a serem abordados serão os seguintes: O órgão de imprensa diocesano; Colaboração internacional; Promoção de vendas; Participação dos jornalistas na empresa jornalística; Jornalismo para crianças e jovens; O jornal católico; Concentração de cooperação de empresas de imprensa; Imprensa e jornalistas nos países em vias de desenvolvimento; Jornada Mundial de Meios de Comunicação Social.

Cooperação Apostólica

O Padre Fernando Gomes de Melo, Diretor-Executivo do Serviço de Cooperação Apostólica Internacional — depois do encontro do *Pro Mundi Vita* em Lovaina e de se haver avistado com todas as comissões episcopais européias para a América Latina, quais são as da França, Itália, Bélgica, Holanda e Suíça — viajou para Dublin, a fim de com o encarregado daquele organismo na Irlanda e com os provinciais da capital estudar questões atinentes à vinda de padres irlandeses para o Brasil. Embora fundado oficialmente já em 1964, foi com a última Assembléia do Episcopado nacional que o SCAI começou de forma efetiva a coordenar os pedidos e a distribuição de pessoal apostólico (padres, religiosas, irmãos e leigos) que queira vir trabalhar em nosso País. O Nuncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio, dirigiu carta à diretoria aprovando e encorajando as atividades do SCAI, que está funcionando à Ladeira da Glória, 99, Rio. Sendo uma só, a Igreja se dá as mãos e quer ser cada vez mais universal.

Mensagem aos povos da África



A mensagem *Africae terrarum* endereçada «à Sagrada Jerarquia e a todos os Povos da África» marca, efetivamente, uma *virada* no modo de encarar os problemas do mundo africano. Ela trata da promoção do «bem-estar religioso, civil e social do continente». Insiste no tema do desenvolvimento associado aos valores tradicionais, como condição para o progresso.

Nesta linha, diz a mensagem: «Um fundamento constante e geral da tradição africana é a *visão espiritual da vida*. Não se trata simplesmente da concepção dita «animista», naquele sentido que a história das religiões dava a este termo no fim do século passado. Trata-se de uma concepção mais profunda, mais vasta e mais universal, segundo a qual todos os seres e a própria natureza visível se mantêm ligados ao mundo do invisível e do espírito.» E acrescenta: «Na realidade, a presença de Deus penetra a vida tradicional africana como a presença de um ser superior, pessoal e misterioso.» «Uma outra característica — observa o Papa — comum à tradição africana é o *respeito pela dignidade humana*. E aponta ainda como valores que merecem respeito «o sentido de família» e a «vida comunitária».

Face às desordens e aos atos de violência, mostrou a necessi-

dade de se abrirem «os corações dos governantes, a fim de que eles compreendam as justas aspirações dos povos». Face à tentação de violência e ao abuso do poder, chamou a atenção dos governos para o «dever primordial de manter a paz entre os diferentes Estados». Com respeito ao problema da discriminação racial, lembrou que «a igualdade entre todos os homens funda-se na comunidade de origem e destino dos que pertencem à família humana», e que por conseguinte deve-se «olhar como legítimas as aspirações dos homens de gozar dos direitos que decorrem da dignidade da pessoa humana». Lembrando a importância do trabalho efetuado pelas comunidades vindas de outros continentes, o Papa salienta que são, entretanto, direitos dos habitantes autóctones, direitos de toda a população, «uma participação eqüitativa na vida política, uma repartição mais justa na renda nacional e o reconhecimento destes direitos fundamentais recusados pelas disposições que mantêm arbitrariamente as barreiras econômicas, sociais e psicológicas». Diante de tudo isso, o Romano Pontífice recorda que o amor «obriga o cristão a trabalhar, lá onde ele puder, para a promoção material, moral e intelectual de seus irmãos».

IGREJA NO MUNDO

Aos intelectuais, a mensagem assim se dirige: «A África precisa de vós, de vossos estudos, de vossas pesquisas, de vossa arte, de vosso ensino, não só para que a valorizemos em seu passado, mas também para que a sua nova cultura amadureça sobre o tronco antigo e se afirme na busca fecunda da verdade. Em face da evolução industrial e técnica que tomou o vosso continente, é vossa tarefa particular assegurar a vitalidade dos valores do espírito e da inteligência. É por vosso intermédio que as novas concepções e transformações culturais podem ser interpretadas e explicadas a todos. Portanto, preocupai-vos com a verdade, sede íntegros e leais».

A mensagem afirma também com ênfase «o direito e o dever que têm as mulheres de participar no trabalho político e administrativo da sociedade. As mulheres nunca devem ser consideradas como um instrumento, e sua dignidade deve ser respeitada na sua liberdade de pessoas».

Aos jovens, «a esperança do futuro», disse que a tarefa deles era superar a oposição entre o passado e as novas formas de vida e de estrutura do presente.

Todavia, não obstante a importância das palavras dirigidas aos diversos grupos componentes da sociedade africana, a mensagem ganha seu pleno sentido ao encerrar, de uma forma nova, na Igreja, os problemas do continente africano. Assim, por exemplo, diz o Papa que «a Igreja considera com grande respeito os valores morais e religiosos da tradição africana, não apenas em razão de sua significação, mas porque, nêles, ela vê a base providencial para a transmissão da mensagem evangélica e a construção da nova sociedade em Cristo».

Nas palavras de Dom Alberto Ndongmo, Bispo de Nkongsamba (Camarões), «a mensagem de Paulo VI marcará época na história das relações entre o papado e o continente negro. Nossos corações de filhos da África se alegram com êsse documento, porque é a primeira vez que a Igreja assume oficialmente os valores da negritude».

«Com extraordinária coragem intelectual o Papa se volta contra a opinião que goza ainda de prestígio em meios reacionários (...): a convicção de uma pobre África negra, não civilizada, à qual o Ocidente generoso deveria levar a civilização, opinião que sustenta há séculos a aventura colonialista».

«Escrita na linha da *Populorum Progressio*, a mensagem tem claro que a noção de civilização torna-se dia a dia mais complexa e de amplitude planetária. Nenhum valor humano dela pode ser excluído, seja a que pretexto fôr».

«Este reconhecimento da África veio num momento em que na Conferência dos 77, na Argélia Boumediene via os africanos como «os danados da terra» em que o racismo recrudescer nos EUA e em vários países da própria África, em que o colonialismo apresenta ao mundo suas «justificações», muitas vezes sob a capa de cristianismo».

«Neste momento — prossegue Dom Ndongmo — o reconhecimento dos valores africanos é um acontecimento da máxima importância. Esperamos que os que agem na história esquecendo que Deus não está distraído saberão aprender muito com esta mensagem corajosa. Para nós africanos, não basta ficarmos orgulhosos; é preciso trabalhar duramente para a construção de uma África moderna e fiel a seu passado».

RENOVAÇÃO: VOLTA ÀS FONTES E PROSPECTIVA

**“À LUZ DO
CONCÍLIO VATICANO II
E DA REALIDADE
LATINO-AMERICANA”
A CRB APONTA
NESTE LIVRO
AS PISTAS
DE UMA VIDA
RELIGIOSA
PLENAMENTE
ENGAJADA.**

Pedidos à
sede da
CRB:
Av. Rio Branco, 123
10.º andar - (GB)



ESTANTE DE LIVROS

As edições do Cerf (Paris, França) acabam de publicar, na coleção "cogitatio fidei" três obras particularmente eloquentes sobre alguns temas da atual pesquisa Teológica. Dois desses trabalhos abordam temas praticamente novos em Teologia e poderíamos mesmo dizer que se tratam de duas pesquisas de primeira mão publicadas em livro. São eles os livros de J. M. POHIER, e de D. DUBARLE, professores, respectivamente, de Teologia e de Filosofia nas faculdades dominicanas do Saulchoir (França). O terceiro é um livro de conjunto resultante de um simpósio realizado em março-abril de 1966 em Chicago (USA) e subordinado ao tema "A pesquisa teológica confrontada com a Igreja de hoje"; nele colaboraram H. de Lubac, J. Daniélou, Y. Congar, K. Rahner, E. Schillebeeckx, Johannes Metz, Charles Davis, A. Schemann, G. Lindbeck, J. Sittler.

J. M. POHIER

PSYCHOLOGIE ET THÉOLOGIE é uma obra ousada e original. O trabalho, que inicia por uma excelente exposição da teoria de Piaget sobre a inteligência da criança, consiste, fundamentalmente, em traçar um paralelo entre as etapas do desenvolvimento da inteligência da criança, tal qual foi descrito por Jean Piaget, e o desenvolvimento da inteligência religiosa, ou ainda, pelas palavras mesmas do autor, em descrever "as analogias epistemológicas entre o pensamento da criança e o pensamento religioso. Falar de analogias significa falar tanto das diferenças quanto das semelhanças" (p. 111). Tais analogias e diferenças são estudadas ao plano da estrutura dos pensamentos e ao plano da evolução dos mesmos. O ponto de maior des-

Alguns temas da atual pesquisa teológica

taque está na comparação da inteligência que Jean Piaget chama de "pré-formal" (dos 2 aos 11 anos) com o pensamento religioso. Existem analogias consideráveis entre estas formas de "inteligência", à primeira vista despercebidas. Este é o assunto do Livro I, e particularmente da primeira parte.

A segunda parte do mesmo livro I é um estudo comparativo entre o pensamento religioso e a cosmologia do pensamento pré-formal, e ainda entre o pensamento cosmológico da criança e o pensamento cosmológico da inteligência religiosa. Deste estudo comparativo o autor tira importantes conclusões a propósito da evolução dos dois pensamentos, pré-formal e religioso. Um e outro aparecem suscetíveis de uma evolução para estados mais indiferenciados, guardando sempre uma certa analogia de estrutura e de evolução.

O livro II intitula-se "Psicologia da Afetividade e Moral Teológica", e segue um processo idêntico no seu método de pesquisa e de exposição. O primeiro destes temas — "Estruturas afetivas do conhecimento de Deus" — mostra-nos a importância das descobertas psicológicas da estrutura dos processos imaginários para uma consciência de processos imaginários implícitos na inteligência dos sinais de Deus, na inteligência da Fé. O tema seguinte — "A Penitência, virtude da culpabilidade cristã" — nos elucida sobre as estruturas e dinamismo psicológicos que a virtude da penitência supõe, e sobre a necessidade de uma virtude específica da penitência que se impõe tanto a partir da natureza da vida teológica quanto a partir da natureza humana. O autor tenta ainda uma

comparação entre a experiência cristã do pecado e a experiência psicológica da culpabilidade.

O último dos temas — "Aspectos Teológicos e Psicológicos do celibato consagrado" — expõe de modo bastante confuso o que tradicionalmente se vem dizendo sobre o celibato consagrado, sem acrescentar praticamente nada de novo que represente uma pesquisa atualizada. O autor, aliás, considera ele mesmo uma pesquisa deste gênero como um "risco" paralelo ao próprio "risco" do celibato consagrado. "Todo o problema, teórico e pedagógico, está no tipo de risco que representa o celibato consagrado" (p. 372).

O livro contém índice de nomes próprios e índice analítico.

D. DUBARLE

APPROCHES D'UNE THÉOLOGIE DE LA SCIENCE é um livro de um mestre de Filosofia que dispensa apresentação; a sua obra vasta é suficientemente conhecida entre nós. O presente livro é, como o que apresentamos anteriormente, um livro ousado, uma pesquisa de vanguarda sobre um tema que se impõe hoje em nossos dias à Teologia e ao filósofo crente. O autor considera o seu trabalho como "um testemunho de iniciante" (p. 11), e pretende sobretudo sugerir "atitudes de espírito" imprescindíveis à elaboração de uma teologia da ciência. Os temas abordados foram em grande parte publicados anteriormente em revistas e outras publicações, a partir de 1952; existe, portanto, pelo menos, uma longa pesquisa sobre estes temas que na presente redação apresentam uma unidade textual e sistemática.

Encontramos neste livro antes de mais uma reflexão sobre a inteligência científica do sábio de nossos dias, e a sua atitude face ao universo que ele descobre. A visão "objetiva", verdadeira, certa, do mundo, é a visão do homem de ciência. Dentro desta visão, que lugar existe para os temas e as concepções tradicionais de ordem teológica, desde a noção de fé, ao sentido do mistério e ao valor intrínseco e objetivo do milagre? Em que termos, finalmente, será possível um diálogo do crente com o homem de ciência, ou, mais concretamente, como pode um homem de ciência e cristão conciliar os dados da sua fé com os da sua ciência, e estabelecer entre as duas ordens de coisas uma ponte, ou elaborar com esses elementos diversos um sistema? Finalmente, última questão do livro, em que termos é possível a oração do homem de ciência, a manifestação da sua fé?

Aqui são abordados os problemas fundamentais e os impasses com que depara o que podemos chamar um "humanismo cristão". A linguagem de D. Dubarle é clara, todos os problemas são postos em mesa, mas o seu modo de explicar as coisas, de apresentar os problemas, não nos satisfaz. Pediríamos antes de mais uma confrontação entre o processo científico das ciências, tanto das ciências exatas como das ciências humanas, e o processo científico da Teologia, sem pretender esconder as deficiências eventuais que aparecessem de um lado e de outro; o reconhecimento das deficiências é já um diálogo.

O mais essencial, a nosso ver, consistiria em interrogar-se sobre o seguinte: de que modo o mundo que a ciência nos revela é, para o teólogo, um mundo onde se passam sinais de credibilidade, onde se realiza, onde se opera cotidianamente, o processo de uma criação. Respondendo a esta questão estaríamos a fazer **Teologia da Ciência**. Ora, no livro em questão, este tema não é abordado.

Não queremos com isso diminuir o valor desta obra de D. Dubarle, nem tampouco limitar-nos a criticá-la, o que não pertence a uma apresentação de livros. O livro de D. Dubarle fornece-nos um material inestimável e orientações seguras para tentarmos, por diversos caminhos de preferência, a elaboração de uma Teologia da Ciência, ou seja, uma descoberta de sinais de Deus através de uma inteligência científica do mundo.

THÉOLOGIE D'AUJOURD'HUI ET DE DEMAIN é, como dissemos, um livro de conjunto, onde figuram trabalhos dos mais eminentes teólogos contemporâneos. Seria difícil resumir e seria fastidioso citar apenas o conteúdo de cada trabalho. Dois deles chamaram particularmente a nossa atenção: **Religião e Instituição**, de Y. Congar e **A Igreja e o Mundo**, de Johannes Metz.

Y. Congar estuda os problemas relevantes do fato do cristianismo ser uma "conformidade a e numa forma de vida religiosa que provém substancialmente de uma fonte única, a Páscoa de Cristo mediatisada pelos sacramentos, sobretudo o Batismo e a Eucaristia" (p. 83). Não podemos conceber uma religião não-institucionalizada; porém a instituição, a objetivação de um "espírito", corre sérios riscos de comprometer a sua natureza. Numa primeira parte deste trabalho Y. Congar interroga-se sobre o sentido de uma reestruturação institucional da liturgia em particular, e das práticas cristãs tradicionais em geral. Numa segunda parte do artigo, o autor trata do mesmo assunto limitando o tema ao sacrifício eucarístico, onde as noções de sacerdócio, sacrifício, ministério, mediação, são examinadas e esclarecidas. Terminando, o autor acentua que toda reforma de ordem institucional deve corresponder ao fato de uma mudança profunda na compreensão do que é a Igreja; e neste ponto, a obra do Concílio, e par-

ticulamente o texto de Lumen Gentium, nos dão elementos seguros para reestruturar a Igreja de um modo bem diferente das estruturas medievais, com um clero padronizado em supra-estrutura e um laicado transformado em clientela ou zona de influência disponível. Termina com uma citação de Bernanos, profundamente significativa, sobre a Igreja que é essencialmente um meio de santidade, e não uma instituição "de portas fechadas, de barreiras e guichês, uma espécie de comissariado espiritual" (97).

Johannes Metz, em **A Igreja e o Mundo** condena, de maneira original na sua forma e no seu conteúdo, o tema seguinte: o mundo de hoje, tal qual nos é conhecido, revela-nos um certo número de dimensões novas, dentro das quais se move a inteligência e a ação dos homens; se a Teologia quer ter algo a dizer ao homem que assim entende e age no mundo, ela deverá integrar na sua inteligência e na sua atitude essas dimensões. Ora, esses elementos da inteligência e da ação do mundo, são elementos que a Teologia contém já, em virtualidade; torna-se necessário apenas torná-los claros, fazer com que apareçam à luz do dia. É esse o trabalho que o autor se propõe. O texto divide-se lacônicamente em três teses, e cada uma destas em 4 e 5 pontos numerados ordinalmente.

A primeira tese descreve os elementos da inteligência do mundo e da atitude do homem moderno face a este mundo. Esta inteligência e atitude caracterizam-se essencialmente por uma mentalidade e uma ação voltada para o futuro, operativas e não contemplativas. Isso explica o fato de o nosso século ser um tempo particularmente convulsionado por transformações de toda ordem. Neste mundo voltado para o futuro, encontramos mais traços do homem que vestígios de Deus. Em que termos é possível uma teologia que vá ao encontro da inteligência e da atitude do homem do nosso século? Uma teologia para o ho-

mem do nosso mundo será possível se fôr também uma teologia voltada para o futuro. Nestes termos "é necessário que o teólogo cristão se inquiete da ausência da dimensão escatológica na Teologia, é necessário que o esquecimento da dimensão do futuro e da orientação sócio-política da teologia seja para ele um problema angustiante." (p. 144)

A segunda tese estabelece o paralelo entre a inteligência do mundo como a história, voltada para o futuro, e uma teologia escatológica. O que, aos olhos do cristão, fundamenta, uma e outra é uma teologia centrada sobre a escatologia. Ora, já toda a Teologia do Antigo Testamento é uma mensagem de promessa, em palavras de promessa (p. 145) que proclamam o futuro, o que deve vir, revogando o que existe. A aliança é uma esperança coletiva do povo de Israel que pela primeira vez, sentiu viver uma história voltada para o futuro. O Novo Testamento intensifica ainda esta orientação para o futuro, com a acentuação da noção de salvação, uma salvação que se realiza ao ritmo segundo o qual o cristão transforma e renova o mundo. O Novo Testamento tem a esperança como a essência mesma da existência individual, e da história cristã. É necessário refazer a Teologia como uma Teologia da Esperança, como Escatologia. (p. 147) "É somente dentro do horizonte escatológico da esperança que o mundo aparece como história" (147-48), que a liberdade possui um sentido. A terceira tese explicita, baseando-se na Teologia de São Tomás, em que sentido o fim sobrenatural do homem não é diferente de um fim natural, mas que existe um só fim, que é o futuro prometido por Deus, um futuro de salvação. Esta noção, retomada pela Constituição Lumen Gentium, é a regra da ação do cristão no mundo, a base de uma fé escatológica e de um engajamento temporal. E o autor cita J. Moltmann: "As palavras de S. Paulo — 'Não vos modelais segundo o mundo' — não significam somente que nós de-

vemos transformar-nos, mas também que nós devemos, no conflito e na expectativa criadora, modificar a face do mundo no seio do qual nós acreditamos, esperamos e amamos. A esperança do Evangelho tem uma relação polêmica e libertadora com o presente do homem, a sua vida prática e as condições (sociais) nas quais ele vive" (p. 152) — e conclui acrescentando que uma teologia escatológica deverá ser uma teologia política.

O mundo em que vivemos é um mundo voltado para o futuro, para uma concepção e uma atitude de fraternidade dos homens. A esperança deste mundo futuro domina a inteligência e o agir dos homens; é necessário que a teologia redescubra esta dimensão da esperança, tanto mais que nesta inteligência o mundo vai ao encontro de uma intenção do cristianismo segundo a qual "esperar é viver em função de outrem" (p. 154)

A. de Abreu Freire

DO EXTERIOR

VON GAGERN, Dr. F. E. Barão — Auto-consciência e transformação (Coleção Família - 19), trad. do original alemão por Roberto Miranda, 1967, 185 x 120mm, 188 pp.

Da Desclée, Tournai (Bélgica):

BOUYER, Louis — Introduction à la vie spirituelle (Précis de théologie ascétique et mystique), s.d., 225x150mm, 320 pp.

CAMBIER, SDB, J. — Vie chrétienne en Église (L'Épître aux Éphésiens lue aux chrétiens d'aujourd'hui), s.d., 185 x 120 mm, 208 pp.

CONGAR, OP, Y. M. J. — La Foi et la Théologie, s.d., 225 x 150mm, 228 pp.

COSTE, René — L'Homme-Prêtre, s.d., 210x140mm, 256 pp.

COSTE, René — Morale Internationale (L'Humanité à la recherche de son âme), s.d., .. 220x150mm, 584 pp.

NICOLAS, OP, M. J. — Théotokos, Le Mystère de Marie, s.d., 210x140mm, 238 pp.

Das Editions du Cèdre, Paris:

BORDIER, Edmond — Deo Gratiis d'un Enfant Prodigue, s.d., 170x110mm, 92 pp.

CHAMAS, Roger de Saint — Sources d'eau vive, s.d., 190 x 140mm, 200 pp.

CHAUVOIS, Dr. L. — Descartes, sa méthode et ses erreurs en physiologie, 1966, 225x140 mm, 156 pp.

GARREAU, A. — Claude Bernard (Le pauvre prêtre parisien du faubourg Saint-Germain), 180x115mm, 110 pp.

LAFRANCE, Jean — Demeurer en Dieu, s.d., 170x110mm, 132 páginas.

Da Editôra FTD, São Paulo:

AREIA, Manoel — Curso de Desenho, para as 1ª e 2ª séries dos cursos ginásial, comercial, vocacional e industrial, s.d., .. 210x140mm, 162 pp.

AZEVEDO, Luiza P. Dorfmond Zoé de, — Meu Diário de Aritmética, 1º caderno, vols. I e II, s.d., 175x130mm, 64 pp. cada.

IDEM — Meu Diário de Estudos Naturais e Sociais, 1º caderno, 175x130mm, 64 pp.

IDEM — Meu Diário de Linguagem, 175x130mm, 64 pp.

Boletim informativo da FERES — maio-agosto de 67, Bogotá.

Brotéria — outubro de 67, Lisboa.

Commentarium pro religiosis — ano XLVIII, vol. XLVI, fasc. III, Roma.

CONFER — abril-junho de 67, Madri.

Le Christ au Monde — vol. XII, nº 5, 1967, Roma.

Nuevo Mundo — jul.-agosto de 67, Caracas.

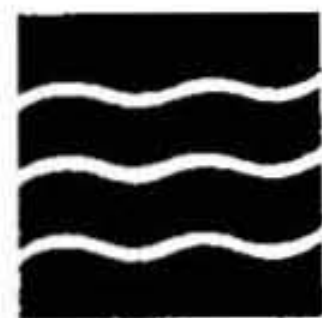
Prêtres aujourd'hui — jun.-julho de 67, Sèvres (França).

Pro Mundi Vita — nº 19 de 1967, Bruxelas.

Religieuses d'Action Hospitalière et Sociale — set.-outubro de 67, Paris.

Sister Formation Bulletin — vol. XIII, nº 4, 1967, Iowa (EUA).

Testimonianze — nº 96, 1967, Florença.



ARTES E TÉCNICAS

OFESTIVAL do Cinema Brasileiro, realizado pela terceira vez em Brasília, é sem dúvida o mais importante do Brasil, embora não lhe chamem de Festival Nacional. Reúne o que de mais expressivo há em talentos cinematográficos na produção, criação, interpretação e crítica em nosso País. É o órgão prestigioso, a Fundação Cultural de Brasília, que promove quase todas as manifestações culturais na nova Capital, que organiza também o Festival do Cinema Brasileiro, no qual não somente são passados filmes inéditos ou não do ano em curso mas também se realiza um seminário para debater questões atuais atinentes ao Cinema Nacional, que com seu crescimento e projeção provoca um mundo de problemas técnicos, artísticos, culturais, sociais e policiais (Censura) com o qual se debate um Cinema incipiente ou um movimento novo dentro do Cinema em qualquer país do mundo. Um Festival assim é um verdadeiro sismógrafo daquilo que faz viver e abala as regiões cinematográficas.

Pela primeira vez, esteve presente a Central Católica do Cinema (CCC), filiada ao Office Catholique International du Cinéma (OCIC) para, conforme a prática deste, conferir um prêmio ao filme que "por sua inspiração e qualidade melhor contribuir para o progresso espiritual e o desenvolvimento dos valores humanos". Ficamos satisfeitos com esta possibilidade que tivemos de poder agir no espírito da *Gaudium et Spes*, ao pedir a presença da Igreja no mundo e, conseqüentemente, no mundo cinematográfico.

Foi infundado o nosso receio de que não houvesse filme que correspondesse aos critérios acima citados. Houve, na realidade, vários filmes sobre os quais o júri da CCC pôde discutir, porquanto apresentavam pelo menos valores humanos acentuados. Já o filme do primeiro dia:

Bebel, Garôta Propaganda — de Maurice Capovilla, apresentava um libelo, um protesto incontido contra a despersonalização da pessoa humana no mundo inexorável da TV, numa linguagem promissória, com as ressalvas que faremos para todos os debutantes ou não na longa metragem.

O Matador — de Amaro César, procurou reviver o ciclo do canção, que teve seu ponto culminante em *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, primeiro filme brasileiro premiado num festival internacional da Europa. Nada teríamos contra isto, se o filme não tivesse sido feito num estilo de 20 anos atrás. Salva-se somente a interpretação dos dois protagonistas.

O Caso dos Irmãos Naves — de Luís Sérgio Person, tratou, num estilo um tanto conservador, da arbitrariedade e da violência que geram um erro judiciário tremendo que a honestidade e a luta de um advogado íntegro não puderam impedir. O roteiro foi escrito pelo próprio cineasta nos moldes clássicos, com muita coerência. Colocou-se como forte candidato para o prêmio da CCC.

O Engano — de Mário Fiorani, talvez fosse o filme menos brasileiro, o mais influenciado por Alain Resnais, também por Walter Hugo Khoury (os cavalos branco e preto!), um filme fechado sobre si mesmo, mostrando o vazio existencial da personagem central (Marise Urban), personagem que não consegue encontrar-se a si mesma.

Cara a Cara — de Júlio Bresane. O mesmo se pode dizer deste filme. Além de vazio, explora um caso mórbido, de complexos sem horizonte e de angústia suprema. Mas não podemos negar-lhe a bela forma cinematográfica e sobretudo a fotografia sensível de Afonso Beato.

A Margem — de Ozualdo Candeias, agradou-me particularmente, apesar de suas falhas. A parte documentária do filme, daqueles

**BEBEL,
GARÔTA PROPAGANDA**

O MATADOR

O CASO DOS IRMÃOS NAVES

O ENGANO

**CARA
A
CARA**

3.º FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO

que vivem à margem do Tietê na Capital paulista e à margem da vida, a personagem central buñuelesca, a prostituta que se torna noiva do homem bom e silencioso, a figura do louco e sua poesia (a margarida), a moça do café que se perde na cidade, são personagens que me impressionaram. Sobre tudo o final feliz, o no de esperança por uma vida melhor foi a nota positiva do filme que se apresentou também como grande concorrente ao prêmio. Reconhecem-se facilmente as falhas e as influências citadas, como ainda a unidade quebrada quando a câmara se desloca para a cidade. O cineasta pagou o pedágio na estrada do cinema-direto, outra que não a que tomará inicialmente. Daí a impressão de dois filmes num só.

Edu, Coração de Ouro — de Domingos de Oliveira, trilhou a mesma linha de *Tôdas as mulheres do Mundo*, de grande comunicação com o público, por ser tão carioca, com tanta verve quanto o ator Paulo José é capaz de dar com sua interpretação vivíssima de Edu, uma espécie de *Pierrot, le fou* (O demônio das onze horas) brasileiro. São filmes comerciais como esses que podem dar substância à produção cinematográfica regular de um país.

Proezas de Satanás na vila do Leva-e-Traz

Este foi o filme que encerrou o Festival. Conta a história de uma vila que está sendo abandonada, porque não muito longe se descobriu petróleo. Os habitantes mais influentes e mais dinâmicos, inclusive o vigário, trocam a cidadezinha velha pela nova que está surgindo, levando até a imagem da santa Padroeira. Agora, o campo está aberto para o demônio e... para Paulo Gil Soares, o autor do filme, ao mostrar o que há de demoníaco no comportamento dos homens, dos quais

O filme aborda a problemática do mal que atinge uma determinada comunidade

A MARGEM

EDU, CORAÇÃO DE OURO

PROEZAS DE SATANÁS NA VILA DO LEVA-E-TRAZ



PROEZAS DE SATANÁS NA VILA

o diabo é a figura mais reconhecível. Filme saboroso e ao mesmo tempo sério para quem sabe ler entrelinhas.

O júri da CCC deliberou das 23 até às 3 horas da madrugada sobre o filme a premiar. Foi este filme de Paulo Gil que venceu. A motivação ficou redigida nos seguintes termos: "O filme em questão aborda a problemática do mal que atinge uma determinada comunidade. Mal que é identificado plásticamente de maneira compreensível para o público na figura do diabo. Mal da injustiça para com os mais fracos, os inválidos, os sub-homens. Mal da tecnocracia exacerbada que destrói e aliena a pessoa humana. Mal da demagogia vazia e falaciosa dos políticos. O filme tem ainda como credencial uma estrutura de linguagem adequada à comunicação dessa temática, tudo isto se inserindo num contexto de realidade histórica brasileira".

O júri foi integrado pelas seguintes personalidades: Hélio Furtado do Amaral (São Paulo), Frei Humberto Geraldo Pereira, OP (Belo Horizonte), Rogério Costa Rodrigues (Brasília), José Vieira Madeira (Brasília), Hélio Márcio Gagliardi (Belo Horizonte) e Padre Guido Logger, SSCC, Assistente Eclesiástico (Rio).

Na mira do nôvo

Para concluir, podemos dizer que os jovens cineastas brasileiros apresentaram tôdas as virtudes e tôdas as falhas de todos os jovens do Cinema Nôvo no mundo inteiro.

Todos eles estão à procura de seu estilo pessoal. Querem tirar o retrato do mundo contemporâneo, interpretá-lo a ele e a seus problemas, querem dar a conhecer a terra em que vivem, mas são influenciados pelos exemplos expressivos da Europa. Antes de

todos, de J. L. Godard, depois Alain Resnais, Fellini, Buñuel, Antonioni. Não é pura imitação. Cada um procura com maior ou menor êxito expressar sua própria vivência do que viram nos mestres, e certamente alguns chegarão com o decorrer do tempo a amadurecer e tornar-se legítimos expoentes artísticos de um Cinema genuinamente brasileiro.

PE. GUIDO LOGGER
Diretor da CCC



O pegador foge, pois suas «artes» dão competência para apenas «enfrentar» almas...

DO LEVA-E-TRAZ

BOIADAS

É curiosíssima a evolução literária de Guimarães Rosa. Estréia como poeta, inêditamente, sem pressa de publicar-se. O seu livro de poemas, a que chamou sucintamente *Magma*, permanece inédito até hoje. Concorreu com ele ao prêmio de poesia da Casa de Machado de Assis, em 1936, e o obteve. E, desde então, publicamente, abandonou a poesia, como forma de expressão.

Em 1937, concorreu com os contos de *Sagarana* a um concurso da Livraria José Olympio. Deram-lhe o terceiro lugar. E a comissão julgadora compunha-se de Graciliano Ramos, Marques Rebêlo, Peregrino Júnior, Dias da Costa. Marques Rebêlo gostou de Guimarães Rosa. Graciliano não gostou. Entende-se: Graciliano era um puro machadiano... O primeiro lugar, deram-no a Luís Jardim, com *Maria Perigosa*. E o segundo, a um jovem candidato a contista, Carlos Lacerda.

Guimarães Rosa, médico e diplomata, passou longos anos em surdina — sem aparecer. Viajou. Viveu. E, em 1946, depois de ter conhecido a Europa, a Guerra e o campo de prisioneiros de Baden-Baden, a que foi recolhido como diplomata de país inimigo, publicou ele, aos trinta e oito anos, o seu primeiro livro de contos. Era chefe de gabinete de João Neves, no Itamarati. Mas o livro *Sagarana* saiu por uma jovem e frágil editôra, a de Caio Pinheiro, Universal, que logo depois se extinguiu. O ainda obscuro autor obteve um êxito admirável. O grande crítico do momento, Álvaro Lins, o saudou com um de seus rodapés de crítica, no *Correio da Manhã*. Todos eram unânimes em reconhecer-lhe o vigor, a originalidade, o *quid* que logo o situava entre os nossos maiores prosadores vivos. Eram estórias de boiadas e boiadeiros, era toda



cortesia Correio da Manhã

estórias de boiadas e boiadeiros

BOIADEIROS

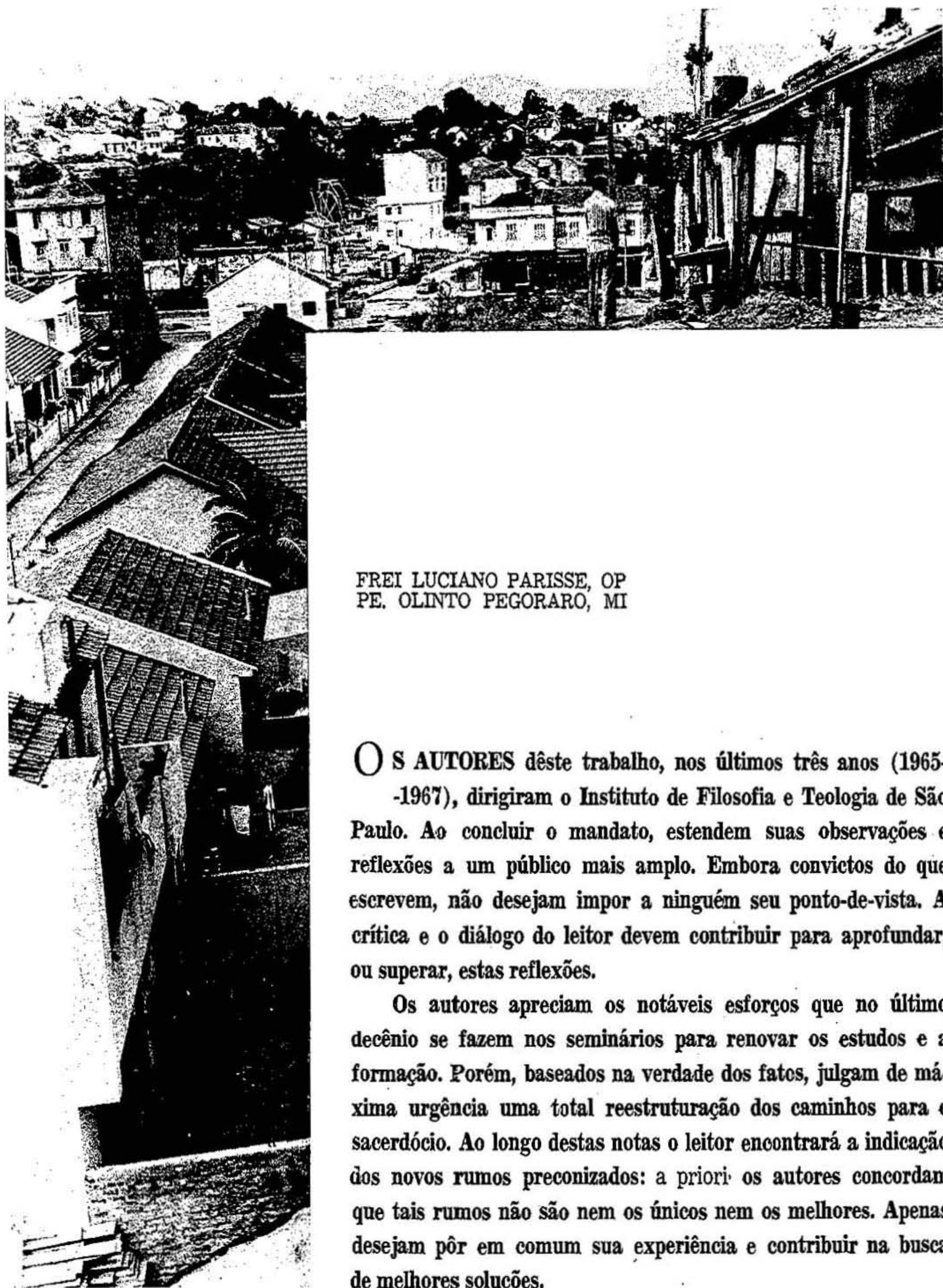
a região noroeste de Minas, uma região estática, fechada, antes de Brasília, era um daqueles dois Brasis, de que nos falara o sociólogo Jacques Lambert. Mas um regionalismo universal. Um realismo alegórico e translógico.

E essa visão densa e vertical se ia acentuar em *Grande Sertão-Veredas*, o seu romance maciço de 1956. Passou dez anos em silêncio, construindo-o. Eram quinhentas e noventa e quatro páginas na edição original, homogêneas, corridas, sem interrupções, sem divisões, sem capítulos. Vida, aventuras de Riobaldo e Diadorim. E aquela sombra de Deus e do demo que dá ao romance a sua dimensão teológica. Há uma teologia e uma demonologia na obra de Guimarães Rosa. Pergunto: a sua transcendência se reduzirá à imanência? O seu transcendentalismo será um imanentismo?

Sofreu a influência de Plotino e de Ruysbroeck, de Spinoza e de Schopenhauer. Como também da mística oriental. Fala-se de uma possível influência mais especificamente literária de Joyce. Será mais uma afinidade do que uma influência. A desintegração da palavra, a invenção de uma linguagem, essa novidade criadora, que está em Rosa e em Joyce.

Em 1956, ainda, publicava as novelas de *Corpo de Baile*, com o prodigioso Miguilim. E, em 1962 e 1967, nos deu *Primeiras Estórias* e *Tutaméia*. A visão regional e universal, a força criadora, a tendência mística, a renovação em profundidade da língua, a originalidade ou audácia, que o acompanham desde o início da vida literária. Não há, na literatura brasileira, desde a morte de Mário de Andrade, em 1945, um caso assim, tão complexo.

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA



FREI LUCIANO PARISSE, OP
PE. OLINTO PEGORARO, MI

OS AUTORES dêste trabalho, nos últimos três anos (1965-1967), dirigiram o Instituto de Filosofia e Teologia de São Paulo. Ao concluir o mandato, estendem suas observações e reflexões a um público mais amplo. Embora convictos do que escrevem, não desejam impor a ninguém seu ponto-de-vista. A crítica e o diálogo do leitor devem contribuir para aprofundar, ou superar, estas reflexões.

Os autores apreciam os notáveis esforços que no último decênio se fazem nos seminários para renovar os estudos e a formação. Porém, baseados na verdade dos fatos, julgam de máxima urgência uma total reestruturação dos caminhos para o sacerdócio. Ao longo destas notas o leitor encontrará a indicação dos novos rumos preconizados: a priori os autores concordam que tais rumos não são nem os únicos nem os melhores. Apenas desejam pôr em comum sua experiência e contribuir na busca de melhores soluções.



EXPERIÊNCIA

OS JOVENS “ANCIÃOS” DE AMANHÃ

O PADRE HOJE E AMANHÃ

Nas linhas que seguem, gostaríamos de resumir as principais preocupações atuais a respeito dos padres, ou melhor, dos presbíteros (os *anciãos*), como diz o Novo Testamento. Estas reflexões nasceram da experiência de três anos no Instituto de Filosofia e Teologia de São Paulo. Gostaríamos de esboçar a fisionomia do presbítero de amanhã.

1. Perspectiva fundamental: a Igreja, para permanecer fiel à sua essência e função, deve estar presente no mundo deste tempo. Isto se aplica a todos os membros da Igreja. Por esta razão, a vida do padre se exercerá no mundo, a serviço do Povo de Deus e em comunhão com ele. Os presbíteros estão a serviço deste Povo, sem fronteiras e não somente a serviço dos batizados-católicos.

Esta afirmação conciliar supõe reformas profundas. Hoje os presbíteros limitam sua ação aos católicos e a uma mínima porção deles — os *praticantes* —, entre os quais só uma pequena percentagem leva vida de fé explícita, eclesial e apostólica. Confirma-se a situação das paróquias, da quase totalidade das associações religiosas e assistenciais...

2. Sem dúvida, o presbítero de Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e amanhã. Presença visível e ativa de Cristo Cabeça, ele “preside” à pregação da comunidade; ele “preside” ao serviço da caridade: a Igreja dispensa a vida

divina — ágape — ao mundo; ele “preside” ao serviço cultural, à celebração da Nova Aliança. Por uma admirável disposição do desígnio de Deus, não há edificação plena do Reino sem a presença deste homem consagrado a título especial para servir a Palavra e representar a Igreja universal.

Contudo a maneira de realizar o triplice serviço presidencial da Palavra, da Caridade e do Culto mudou no decurso dos tempos e está para mudar radicalmente. A Cristandade desapareceu, e desapareceu o tipo de padre que ela criou. Assistimos ao despertar de uma consciência da Igreja que se abre ao mundo contemporâneo. Aos poucos, delineiam-se os traços do padre a serviço do Povo de Deus no Mundo.

As atividades dos presbíteros não se devem avaliar por si mesmas, e sim pela autenticidade de sua inserção no mundo e na Igreja que se rúne e se dispersa nele. Estejam os presbíteros sempre mais no mundo, sempre menos do mundo (no sentido de São João) para estarem sempre mais na Igreja. Eis a condição para desempenhar o serviço do Reino de Deus.

3. O estilo de vida do padre não deve diminuir nele a dimensão humana e social. O estado sacerdotal deve representar um tipo eminente de realização humana.

Ser padre, ser religioso, não deveria impedir de viver como

homem, ganhar a vida (com tudo o que isso supõe de solidariedade humana): lutar, amar, sofrer, regozijar-se fraternalmente com os outros homens...

Atualmente seria necessário que os padres procurassem os meios mais eficazes de inserção em uma ou em várias comunidades naturais. Esta inserção se realizará quer pelo domicílio, quer pelo trabalho, quer pelo estudo... evidentemente sem paternalismo, sem privilégios. Desenvolvam os presbíteros seus dotes e virtualidades pessoais que a formação do noviciado e do seminário esqueceram e, quem sabe, desprezaram ou recalçaram.

4. Um novo estatuto de vida presbiteral deve criar condições para que a pregação do Evangelho a toda a criatura seja realmente a primeira tarefa dos presbíteros — e não a celebração litúrgica.

Todos os presbíteros, diocesanos e religiosos, compartilham com todos os fiéis desta única tarefa: a edificação do Reino. A especificidade da congregação religiosa corresponde à vocação particular de um grupo de homens e mulheres, reunidos no ideal carismático do Fundador. Esta vocação particular se determina, seja por um espírito comum, seja pela maneira comum de acolher e pregar o Evangelho, seja pela dedicação a uma porção do Povo de Deus: operários, elites intelectuais, doentes, índios...



A Palavra de Deus pertence ao povo

5. O padre será capaz de situar-se como *teólogo do mundo*. Ele deve integrar-se no Povo de Deus em que se encontra viva a palavra de Deus. Deve integrar-se na história deste Povo, para discernir os sinais messiânicos, isto é, vivê-los. Tais são as condições de vida do teólogo cristão que fala do Deus feito homem, que exprime a consciência do Povo de Deus.

A teologia — como Palavra de Deus — pertence, não aos professores nem aos padres, mas ao Povo fiel. Leigos, irmãos, cooperadores, irmãs podem assumir o serviço do teólogo.

6. O serviço do Povo de Deus não se confunde, enfim, com o serviço de conservação e enriquecimento da Igreja dos praticantes, da paróquia, da agremiação... menos ainda com o serviço de conservação e enriquecimento da congregação religiosa, da ordem, do convento. Quantos padres se consagram somente à conservação da congregação: recrutamento, manutenção dos seminários maiores e menores, edificação de casas, procura do dinheiro! Para levar uma vida pobre e que testemunhe esta pobreza, modifiquemos as estruturas: casa paroquial, convento, colégios... Recorramos a instalações humildes que o anúncio do Evangelho requer.

7. Os tempos atuais requerem uma opção da parte dos padres-religiosos. Por que conservar elementos de vida monástica que pesam inútilmente na vida dos presbíteros? Por que conservar quadros de vida religiosa que foram impostos para colocar a vida presbiteral comunitária numa categoria jurídica? Os monges são monges, os presbíteros são presbíteros. O serviço da Palavra suscitará formas adaptadas de vida comunitária: revisão em equipe, revisão de vida, caixa comum... Não precisa ser religioso para viver e trabalhar em comum.

8. Não identifiquemos às pressas *castidade perfeita* e celibato sacerdotal. Nem imaginemos que o celibato seja o melhor caminho, o único que se impõe a todos os homens consagrados ao anúncio do Reino. Quem recebe o carisma do celibato, assumo-o com ação de graças e vigilância.

9. Criemos modalidades de *vida comum* que não sejam determinadas pelo lugar de habitação (convento, colégio, casa). Que permitam a inserção dos padres em vários grupos apostólicos numa mesma cidade, num mesmo país, em vários países. Que permitam, também, a inserção do padre nas comunidades humanas: o presbítero, o *ancião*, isto é, o líder de uma ou de várias comunidades naturais, da vida das

quais toma parte. Condição necessária para a pregação, o pastoreio, a celebração.

Mais exatamente ainda, a comunidade deve suscitar seus presbíteros, diáconos, catequistas, mistagogos. O presbítero nasce da comunidade eclesial, vive nela. Assim podemos pensar na multiplicação do número de padres. Nesta perspectiva torna-se clara a relatividade do papel presbiteral. O essencial é a comunidade, sua vivência cristã, sua promoção em Cristo. O padre é servo da comunidade.

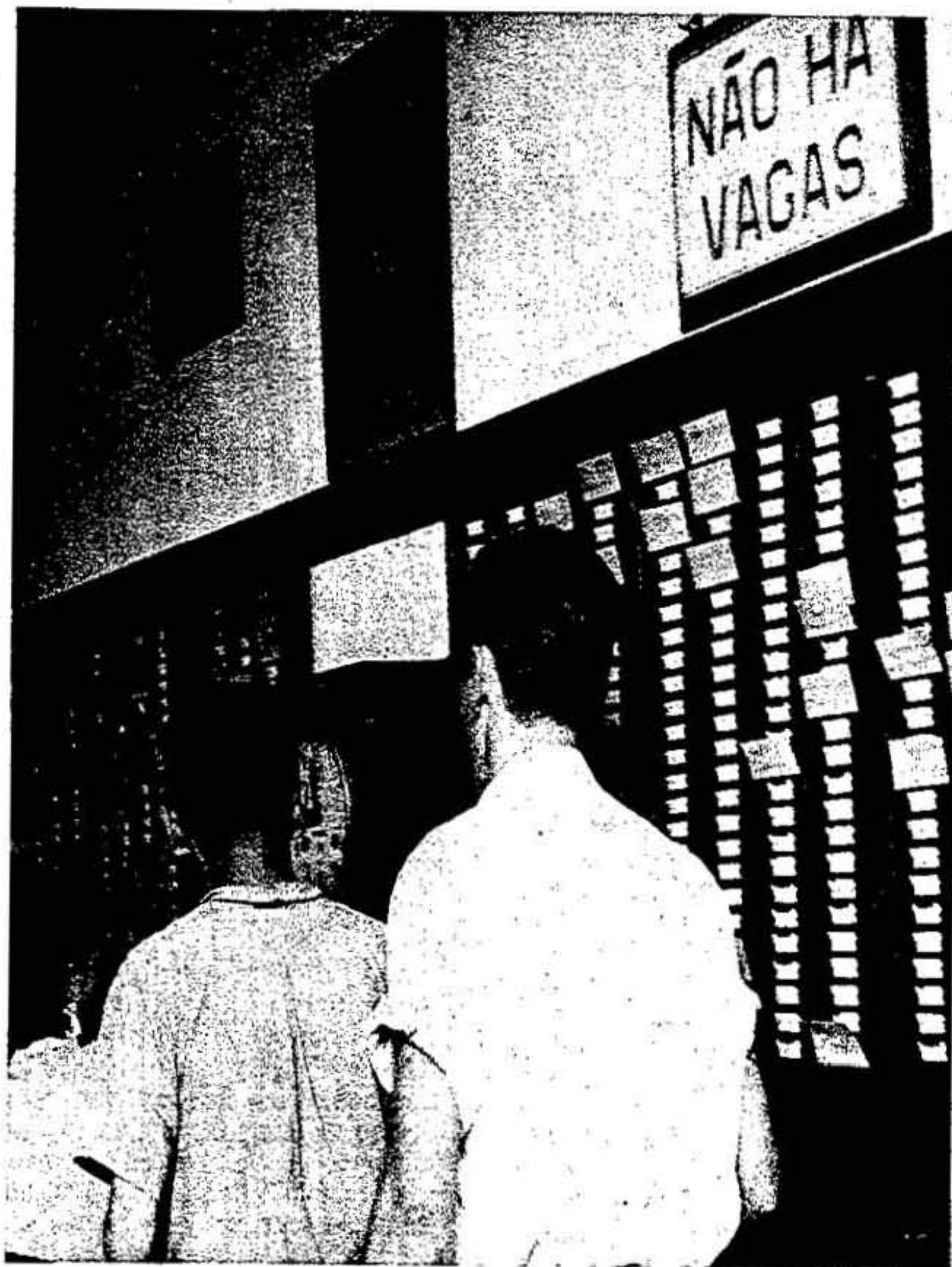
O lugar normal de vida presbiteral é a comunidade humana. A comunidade dos padres e dos religiosos representa uma forma imperfeita de vida comum. Não tem finalidade em si mesma, mas sua existência se justifica somente em relação ao serviço do Povo de Deus.

10. Descubramos uma vida de oração que seja realmente a *oração da Igreja*. O breviário não satisfaz esta exigência.

Suscitemos formas de celebração litúrgica que correspondam às necessidades e possibilidades da comunidade cristã. O padre não celebra só para si.

11. Tomemos consciência da originalidade do fenômeno *juventude*, como o fez a assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, no mês de julho de 1966. Provavelmente pela primeira vez na história verificamos o aparecimento de uma nova geração mais culta que a antiga, devido à rapidez das mudanças e ao impacto da educação. Os jovens estão conscientes deste fato que altera as relações entre as gerações, embora se saiba a diferença entre *conhecimento* e *sabedoria*. A fisionomia e atuação do padre devem corresponder a este traço característico de nossa época. Deseja-se que os padres novos recebam quanto antes funções de real responsabilidade.

Convém estruturar a formação dos futuros padres conforme as novas situações. Trata-se de formar no mundo os futuros arautos do Reino.



Eis o desafio: encontrar nova forma de vivência sacerdotal no mundo de hoje

PROBLEMAS DO ESTUDANTE ECLESIASTICO

1. Renovação intra-muros

Tôdas as reflexões anteriores apontam uma conclusão básica: integração do padre e do religioso no mundo, participando das alegrias e das angústias dos homens — apontar ali os sinais dos tempos e ser para todos sinal de Deus.

Será isso real para o estudante eclesiástico? De um decênio para cá, quase todos os seminários vêm fazendo apreciáveis esforços de adaptação: iniciativa aos alunos, contatos com o laicato, par-

ticipação na pastoral, superação da rigidez dos horários, diminuição do número de ações comuns etc. Mas são tôdas iniciativas intra-muros. Ainda não acertam o ponto nevrálgico da inserção do estudante no mundo. Estas melhorias internas, no fundo, vieram trazer mais perplexidades. Pois o seminarista, comparando a rigidez de ontem (à qual se submetia passivamente) e a largueza de hoje, facilmente se entrega a atitudes imaturas. Não assume com rigorosa responsabilidade o estudo, a autoformação, a autodisciplina; entrega-se facilmente a pequenas atividades destituídas de real valor (círculos de amigos festivos, atividades cinematográficas, esportivas, ação apostólica insignificante), pensando que tudo isso já é integração no mundo. No final de contas, ainda estamos na antiga estrutura com algumas melhorias acidentais.

2. Cristandade e secularização

Mas o seminarista de hoje sente um apêlo mais profundo: *vir-a-ser-alguém-no-mundo*, ter o direito de ocupar um lugar no mundo e explicitar ali a mensagem evangélica da salvação. Com os atuais currículos eclesiais não há chance de situar-se em nenhum setor da vida real. Nem mesmo dão direito a lecionar em cursos primários. Nossos currículos, do ponto-de-vista jurídico, são alienantes e alienados.

O problema mais sério do sacerdote de hoje não é o celibato, mas a questão de sua inserção válida e útil no mundo. Aliás, este é o problema de todo o Povo de Deus. O dilema crucial é: cristandade ou secularização. Quanto mais a Igreja se fecha sobre os seus quadros (ainda que procurando melhorá-los), tanto mais se aliena. Quanto mais o Povo de Deus se insere na trama da história, maior é a chance de crescimento.

O estatuto de vida no mundo preocupa especialmente os futuros padres. Mais de 95 por cento dos seminaristas desejam uma qualificação social, um título que os situe num setor de atividade no mundo de hoje.

Este desejo é muito profundo. Corresponde ao novo tipo de padre que vai surgindo. O padre sem qualificação perante a socie-

dade serviu na época de cristandade, quando a Igreja se ocupava quase exclusivamente consigo mesma. O Concílio abriu perspectivas totalmente diferentes que os seminaristas tomam muito a sério. Na era da organização técnica da sociedade e da secularização, ou adquirimos um estatuto de vida que nos situe no mundo, ou ficaremos à margem da História. Eis o fundo da questão.

Os seminaristas sentem que o sacerdote não tem campo definido de inserção e atuação. Vive numa espécie de isolamento. O jovem candidato ao sacerdócio detesta essa posição e deseja nova realização sacerdotal, uma nova forma de presença sacerdotal no mundo secularizado e pluralizado.

Daí a sede de convivência com o Povo; condenação de estudos abstratos, vasados em terminologias e filosofias antigas; radical opção para os estudos sobre a realidade presente, datada, espacializada.

3. Opção de vida

Mas o seminarista vive um drama ainda mais profundo e íntimo: sem madura reflexão, entrou na estrutura eclesial alienada. Vive insatisfeito. Mas, devido ao longo convívio no seminário, já não percebe as causas profundas de sua insatisfação. Então, descarrega sua tensão sobre fatores secundários: programas, horários, professores, estruturas e instituições. Embora tudo isso possa ser criticável, ainda não atinge a pergunta radical: optei conscientemente por este rumo de vida? Quero ser padre? Nesta congregação? Por quê?

Sem a resposta a estas perguntas é inútil montar esquemas e programas. Nada poderá satisfazer a quem se encontra num mundo ou num ambiente que não escolheu por opção livre. Como árvores fora de lugar, tais pessoas não crescem, não amadurecem. Falta-lhes clima e terreno adequados.

4. Sugestões para a renovação

Boa orientação e orientadores não faltam aos atuais seminários. Basta recordar as indicações do Concílio, do Sínodo e os excelentes documentos da CNBB. O problema não é de orientação. Mais

profundamente, trata-se de encontrar uma nova forma de vivência sacerdotal e religiosa no mundo contemporâneo. Eis aí o desafio que as congregações e seminários precisam enfrentar.

As ordens e congregações necessitam, urgentemente, redescobrir ou reinterpretar sua fisionomia e seu papel na História contemporânea. Citamos quatro pontos de renovação. Cada ordem e congregação:

a) Situe no mundo de hoje seus objetivos. Objetivos reais, bem definidos, aceitos no mundo de hoje e necessários na região onde a congregação se implanta;

b) Só receba jovens e adultos que realmente tenham firme *decisão pessoal* de dedicar-se aos objetivos da congregação ou ordem; devem ser pessoas decididas a radicalizar sua vida cristã neste ou naquele setor da atividade missionária da Igreja;

c) Especialize técnica e profissionalmente a nova geração de religiosos na área de atividades próprias da ordem ou congregação. É inútil continuar formando padres *ad omnia*. O *padre-para-tudo* é cada dia mais *padre-para-nada*. É inútil fazer teologia sem uma meta precisa de atuação. O mundo exige padres e religiosos sempre mais autênticos e especializados tecnicamente para atuar em meios específicos;

d) Engaje-se plenamente graças à especialização, no ambiente específico: viver em comunhão com os homens que atuam no mesmo setor; formar com eles uma comunidade de vida, na qual o religioso ou sacerdote dará testemunho da sua opção.

5. Seminários para adultos

Parece sempre mais nítido o declínio da pastoral vocacional, entendida como cultivo de candidatos ao sacerdócio e à vida religiosa. O seminário, menor ou maior, apesar dos esforços notáveis, justifica-se cada dia menos. Pouco a pouco esvazia-se o seminário como gigantesca construção isolada do mundo. O curso teológico deve, urgentemente, inserir-se no *campus* universitário e abrir-se a quantos desejam frequentá-lo.